



IGREJA DE
S. BARTOLOMEU
DO REGUENGO



2.8. IGREJA DE S. BARTOLOMEU DO REGUENGO

2.8.1. ESTUDO DOCUMENTAL

Nas cotas mais elevadas (256 m) da actual propriedade da Coudelaria de Alter, reconhecem-se as estruturas, muito arruinadas, do que teria sido um templo cristão. Inventariado no Relatório do Trabalho de Prospeccção Arqueológica na Coudelaria de Alter, realizado por Clara Oliveira, entre Abril e Junho de 2000, por solicitação da Direcção daquela instituição, vem registado como Ermida de S. Bartolomeu. Esta denominação e identificação, como a autora do levantamento refere, baseou-se em informação oral. É, portanto, reconhecido, na região, quer a existência naquele local de uma ermida, quer o santo da sua

invocação, S. Bartolomeu. Reconhece-se, ainda, na memória popular, porque, naturalmente, ainda não muito distante no tempo, a existência de uma antiga freguesia de Alter do Chão, denominada de S. Bartolomeu do Reguengo, cujo termo limitava o de Alter pelo Noroeste. Contudo, pela informação escrita, tanto impressa como manuscrita, existia nesta freguesia uma igreja paroquial e não uma ermida, cujo orago era S. Bartolomeu. A informação impressa mais antiga, datada de 1751 (Cardoso, 1751), baseada no questionário promovido pela Academia Real da História, em 1721, descreve a referida “Igreja Paroquial” como um edifício de “huma só nave tem por Orago S. Bartolomeu: há nella tres Altares, o principal do Orago, os dous collateraes hum de Nossa Senhora das Candeas, e outro do Menino Jesus” (Cardoso, 1751, 88).

Sete anos depois da edição do *Dicionário* do Padre Cardoso, em resposta ao novo questionário, o Padre Manoel Martins Tavares, provavelmente, pároco desta freguesia, informa que “O seu orago hé o Apostolo Sam Bartholomeu. Tem dous altares colaterais, hum dedicado a Nossa Senhora das Candeias outro ao Menino Deos”(M.P., mem. 52, fl.302).

Parece, assim, não restarem dúvidas, com base na documentação escrita, que neste local teria existido uma Igreja Paroquial de invocação de S. Bartolomeu. Se recuarmos ao século XVII, encontramos os Registos Paroquiais referentes a esta paróquia, cujo mais antigo é um baptismo e remonta a 8 de Setembro de 1612. Neste registo, pode ler-se: “Aos oito dias de Setembro de mil seiscentos e doze anos eu o Padre Pêro Garcia nesta freguesia de São Bartolomeu com licença do Padre Manuel Barreto capelão de ela baptizei e pus os santos óleos a Bastião filho de Simão

Fernandes e de Catarina Fernandes de legitimo matrimonio foram padrinhos Diogo Freme morador na vila e Catarina Dias filha de Diogo Fernandes Garrido e assinei com o capelão”.

O primeiro registo de casamento é datado de 2 de Junho de 1613 e diz-nos: “Aos dois dias do mês de Junho de mil seiscentos e treze anos nesta freguesia de São Bartolomeu eu Padre Manuel Barreto capelão de ela recebi facie ecclesia servati servantis por marido e mulher a Diogo Fernandes filho de António Lopes e Leonor Bela já defunta com Catarina Dias filha de Diogo Fernandes Garrido e de Maria Gonçalves já defunta e lhes dei a bênção de casados ambos solteiros e todos fregueses e moradores nesta freguesia sendo por testemunhas Manuel Ramalho e Simão Fernandes moradores nesta freguesia que assinaram comigo capelão que o escrevi”.

O registo do mais antigo óbito é datado de 16 de Julho de 1613, que assim é descrito: “Aos dezasseis dias do mês de Julho de mil seiscentos e doze anos nesta freguesia de São Bartolomeu faleceu Maria Lopes mulher de Marcos Rodrigues não recebeu nenhum santo sacramento nem fez testamento por morrer subitamente em uma tarde e não me chamarem senão depois de falecida de testemunhas Fernão Gil, Pêro Fernandes, José dias, Catarina Aires e outros muitos e assinei”.

Confirma-se, deste modo, que existiria nas imediações da sede da actual Coudelaria de Alter uma igreja paroquial. Os Registos Paroquiais que se guardam no Arquivo Distrital de Portalegre compreendem o período de 1612 a 1849. Portanto, até meados do século XIX, na Igreja Paroquial de S. Bartolomeu do Reguengo, realizaram-se as normais práticas religiosas de baptismos, casamentos e

funerais. De 1849 para cá, não se encontra naquele arquivo mais nenhuma referência, quer relativa à paróquia, quer relativa à freguesia. Considerando a diminuta actividade religiosa que os Registos Paroquiais referem, para o século XIX, é de supor que, por essa época, a população desta freguesia deveria ser já muito reduzida. Esta leitura é já, de facto, confirmada nas respostas ao inquérito da Academia Real da História, datado de 1759. Na resposta, o Padre Manoel Martins Tavares queixa-se do decréscimo populacional, informando que “os freguezes hé que pagam (ao cura) algum dia heram dois moios hoje pella deminiuisam dos freguezes sam noventa e seis alqueires”. Mais à frente, diz ainda que “No dia do santo hé vesitado por alguns sugeitos, mas cada ano com mais demenuisam”. Esta quebra populacional é, claramente, confirmada pela leitura, em tabela, que a seguir se apresenta, elaborada com base nos Registos Paroquiais. Depreende-se, assim, que, na segunda metade do século XIX, esta freguesia deveria estar praticamente deserta e, por consequência, foi extinta. Contudo, procurando-se na Legislação Portuguesa de vários anos, especialmente na referente ao ano de 1867, ano em que se procedeu à profunda reforma das divisões administrativas do Reino, nada consta em relação a S. Bartolomeu do Reguengo. Nesse ano e com base no quadro apresentado pela Direcção-Geral de Administração Civil, 3.ª Repartição - 1.ª Secção, o concelho de Alter do Chão apenas era formado pelas freguesias de Alter do Chão e Alter Pedroso, nada constando sobre a de S. Bartolomeu do Reguengo. A anexação da freguesia de S. Bartolomeu do Reguengo à de Alter do Chão terá ocorrido na sequência da Revolução de 1820 e da legislação que, a partir dessa data, começou a ser produzida pelo Regime

Liberal que, durante algum tempo, conferia às autarquias a possibilidade de reordenar o seu território, sem necessidade de autorização régia. Terá sido, portanto, nos meados do século XIX que se extinguiu a freguesia de S. Bartolomeu do Reguengo. Mas, embora a divisão administrativa tenha sido extinta, a paróquia parece ter continuado a sua existência, pelo menos, por mais alguns anos, ainda que já sem pároco residente. Esta leitura advém da interpretação que se poderá fazer do texto de Luís Keil, publicado em 1943. O autor do *Inventário Artístico - Distrito de Portalegre*, ao informar do estado de conservação desta igreja, chama-lhe “Igreja Paroquial do Reguengo”. Esta terminologia poderia advir apenas do antigo título. Contudo, sabe-se que, ainda nos finais dos anos trinta do século XX, se realizavam baptismos nesta igreja, mantendo, portanto, uma actividade religiosa concordante com a categoria de sede de paróquia. Quando Luís Keil visita este espaço religioso, provavelmente, no final da década de trinta do século XX, descreve-o da seguinte forma: “Fica situada a três quilómetros da Vila de Alter-do-Chão, junto à Coudelaria Nacional. Não possui interesse algum. É da mais humilde construção rural do Alto Alentejo. Apresenta um pórtico simples de volta redonda, com sineira à esquerda. Conserva a imagem de S. Bento, em pedra, do século XV (alt. 0,60) e a Virgem com o Menino (alt. 1,15), muito desfigurada mas possivelmente ainda daquele século. O edifício está muito abandonado.” (Keil; 1943).

Pelas palavras de Luís Keil, constata-se que, nos finais da década de trinta, do século XX, o estado de conservação da Igreja de S. Bartolomeu seria já muito precário. Com o ciclone de Fevereiro de 1941, que assolou, com grande intensidade, o distrito de

Portalegre, o estado de degradação em que este templo já se encontrava obrigou à demolição de grande parte das suas estruturas, pelo perigo de derrocada que manifestava. Parte da pedraria foi reutilizada no arranjo dos muros da Coudelaria e o tempo e a vegetação encarregaram-se de ocultar o que restava da vetusta Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo. Por informação oral, recentemente recolhida, soubemos que teria existido um acordo verbal entre o então Director da Coudelaria e o Pároco de Alter, que, por permuta, a Coudelaria doava um edifício situado em Alter do Chão e o padre autorizava a demolição integral da Igreja de S. Bartolomeu, talhando-se, assim, o continuado culto que se perpetuava nos terrenos da Coudelaria, especialmente a romaria, que arrastava centenas de pessoas no dia 24 de Agosto.

Se a história recente deste templo parece não levantar grandes dúvidas, elas colocam-se no que respeita, quer à sua origem, quer à terminologia popular para a sua denominação. Na voz do povo de Alter do Chão, o templo de S. Bartolomeu é classificado como ermida. Documentalmente, este templo nunca assim foi denominado, nem o poderia ser, por se tratar de uma sede de paróquia. Provavelmente, começou a ter o epíteto de ermida, a partir do momento em que a freguesia se esvaziou de gentes, as habitações de fábrica pobre, algumas com cobertura vegetal, começaram a ruir e a velha igreja paroquial ficou isolada. Transformou-se, desta forma, na opinião do povo, em mais um templo, em sítio ermado, semelhante a tantos outros e, especialmente, com igual categoria ao do outro templo, Ermida de S. Bento, que se situaria nas imediações da Igreja de S. Bartolomeu.

Sobre este outro templo que se situava nas imediações da Coudelaria e hoje completamente esquecido

na memória popular, a documentação escrita também pouco nos diz.

No documento mais antigo, o *Dicionário*, compilado pelo Padre Luiz Cardoso, refere-se que, na área da freguesia do Reguengo, existe “huma Ermida de S. Bento, a que acodem alguns romeiros com suas offertas”. Contudo, o Padre Manoel Martins Tavares, pároco de S. Bartolomeu, em 1758, na resposta ao Inquérito, não se refere a esta ermida. Porém, Francisco Ferreira Varregozo, Prior de Alter do Chão, em resposta ao mesmo inquérito, ao descrever as ermidas fora da vila, refere a de “Sam Bento que se acha muito arruinada”. Interessante é também verificar que o Padre Frei Jose Martinz Alvares, responsável pela freguesia de Alter Pedroso, igualmente em 1758, na resposta ao mesmo inquérito, informa que, na sua área administrativa, existe uma Ermida de S. Bento, só que esta “está no castello da dita vila”.

Perante estas informações, algo díspares, parece terem existido, nas imediações de Alter do Chão, pelo menos duas ermidas de invocação de S. Bento.

Uma no interior do Castelo de Alter Pedroso e outra, provavelmente, na área da actual Coudelaria. Subsistem, contudo, dúvidas quanto à sua filiação. No primeiro inquérito, a Ermida de S. Bento é referida como pertencente à freguesia do Reguengo, enquanto que, no segundo, é o Prior de Alter que a ela se refere e não o pároco de S. Bartolomeu, como o deveria fazer. Teria assumido o Prior de Alter, porque de categoria superior, a responsabilidade de enumerar todas as ermidas localizadas na área do seu priorado, dispensando-se, assim, o padre de S. Bartolomeu de, novamente, a esta ermida se referir? Ou será que, no curto tempo que mediou entre o primeiro e o segundo Inquérito, a administração da Ermida de S. Bento

mudou de mãos?

Ainda que sem respostas para estas questões, sabemos, contudo, que, já em 1758, estava muito arruinada e que, no *Inventário Artístico*, editado em 1943, se refere a presença no interior da Igreja de S. Bartolomeu de uma imagem de S. Bento, em pedra, com 60 cm de altura, atribuível ao século XV e que nunca aparece registada nesta igreja a presença desta imagem, em datas anteriores. A imagem do santo terá sido recolhida para a Igreja de S. Bartolomeu, porque seria a mais próxima, quando a ermida a que pertencia entrou em ruína total?

Sabe-se que, em 1752, é construído o actual edifício das Casas Altas da Coudelaria, para estrebaria e celeiro, no sítio onde se localizava uma ermida arruinada. Situar-se-ia aqui a Ermida de S. Bento? Não parece razoável. Se assim fosse, a imagem do santo teria sido recolhida, nessa data, para a Igreja de S. Bartolomeu e já seria descrita pelo padre Manoel Martins Tavares, em 1758. Contudo, ele nada diz a esse respeito. Por outro lado, também não seria razoável que o Prior de Alter do Chão se referisse ainda à Ermida de S. Bento, ainda que arruinada, quando e atendendo às datas, já aí se acolheriam cavalos e forragens.

Resta, portanto, a possibilidade de o edifício das Casas Altas, ou ter sido construído, não em 1752, mas um pouco mais tarde, ou de aí ter existido outra ermida, que não a de S. Bento. Nesse caso, onde se situaria, então, a Ermida de S. Bento? Seguramente, não muito longe da Igreja de S. Bartolomeu, porque foi a ela que se recolheu a Imagem de S. Bento, em data posterior a 1758.

Se se aceitar que as Casas Altas foram construídas sobre uma outra ermida, por que razão nenhum

Inquérito a ela se refere? Torna-se interessante também verificar que nenhum documento, dos que temos estado a citar, se reporta, nem à construção das Casas Altas, nem a qualquer outro edifício relacionado com a Coudelaria. Sobre a Coudelaria, apenas o Prior de Alter do Chão, Francisco Ferreira Varreago, em 1758, diz o seguinte: “Tem a selebre e oficial coutada do Arneiro, que serve das rassas dos cavallos de Sua Magestade, onde se criam muntos e excellentes cavallos, de milhores cascos, e lombos que há no mundo”.

Sobre estas questões, resta, com base, sobretudo, nas *Memórias Paroquiais*, proceder ao inventário de todas as ermidas nelas referidas, localizá-las no terreno e, por exclusão de partes, avaliar a possibilidade de, alguma delas, corresponder à informação da preexistência de uma ermida no local, onde hoje se levanta o edifício das Casas Altas, como nos informa Rui de Andrade, em 1947, nos seus *Elementos para a História da Coudelaria de Alter*.

Se algumas dúvidas subsistem sobre a localização da Ermida de S. Bento, ou de outra ermida no actual território da Coudelaria, se, igualmente, questões se colocam quanto às razões e data do efectivo colapso da Igreja de S. Bartolomeu, maior insegurança histórica haverá, naturalmente, quanto à data da fundação deste templo. Se atendermos, unicamente, aos vestígios arqueológicos detectados à superfície e referidos por Clara Oliveira, assim como a referência, desde o século XVIII, a antas na Coutada do Arneiro e no Reguengo, facilmente nos apercebemos de que, desde épocas muito recuadas, a área, actualmente ocupada pela Coudelaria, foi espaço preferido para a ocupação humana e, dentro desta, a zona envolvente das ruínas da Igreja de S. Bartolomeu. A concen-

tração de registos arqueológicos nesse sector da Coudelaria é, a todos os níveis, notável. Se os espaços de vivência estão documentados e se revestem de grande interesse, mais relevante se torna o reconhecimento da presença contínua de registos do mundo simbólico. Duas sepulturas megalíticas, um *habitar* do Neolítico mais antigo, um “santuário” onde abundam afloramentos com arte rupestre neolítica e diversas sepulturas escavadas na rocha, atribuíveis à Alta Idade Média, conferem, sobretudo, à zona de cotas mais elevadas da área da Coudelaria um ambiente propenso ao mundo espiritual. Terá que ser neste, já tradicional, ambiente mágico-religioso que se deverá enquadrar a edificação do templo cristão conhecido por S. Bartolomeu. A presença de sepulturas escavadas na rocha, balizáveis entre os finais do século VII e os inícios do século XII, por norma atribuíveis a comunidades cristãs, ainda que, temporariamente, sob o domínio islâmico, configuram a possibilidade da existência, desde essa recuada época, de um espaço religioso cristão na zona de cotas mais elevadas da Coudelaria. Fazer remontar a esses longínquos séculos a edificação da Igreja de S. Bartolomeu é, por agora, apenas uma hipótese especulativa. Mais seguro será aceitarmos que a edificação deste templo, ou apenas a sua reformulação, ou invocação, remonte aos finais do século XIV. Reconhece-se que é neste século e no século seguinte que a devoção por este santo atinge o seu expoente máximo, em Portugal. Sabe-se, ainda, que o rei D. Pedro I era grande devoto deste santo e que, durante algum tempo, terá permanecido em Alter do Chão. A darmos crédito às crónicas da época e se aceitarmos que a devoção de D. Pedro por S. Bartolomeu teria origem na capacidade curativa de doenças do foro

psíquico que a invocação do santo gerava e que teria aliviado a real figura dos seus constantes achaques, não será de excluir, de todo, a hipótese de podermos remontar a essa época a edificação, ou a consagração deste templo a S. Bartolomeu, durante a permanência do rei D. Pedro na vila de Alter do Chão.

As capacidades curativas de doenças do foro neurológico por invocação de S. Bartolomeu são também descritas no *Dicionário* do Padre Luiz Cardoso, ao referir-se às festividades do dia do santo, que assim nos diz: (no) “dia de S. Bartolomeu concorre muita gente de varias terras a este Santo, que a livra de accidentes, e assombramentos ...”. Ainda hoje diz a voz do povo que, tal como S. Bartolomeu prendeu o diabo que andava à solta, também o retira dos que por ele estão possuídos. Mais se costuma dizer, que, no dia de S. Bartolomeu, dia 24 de Agosto, dia de Verão, por norma muito ventoso e por vezes chuvoso, anda o diabo à solta. Esta associação do dia de S. Bartolomeu com a liberdade dada ao diabo prende-se com a história do santo, que nos conta que, após o acorrentamento do diabo por S. Bartolomeu, Deus ter-lhe-á ordenado que o voltasse a libertar, por forma a que ao Homem fosse dada a possibilidade de escolher, por iniciativa própria, entre o bem e o mal. Ainda que contrariado, S. Bartolomeu libertou o diabo e nesse momento levantou-se sobre a Terra um forte temporal, acompanhado de ventos ciclónicos e chuva torrencial. Em memória desse acontecimento, no dia 24 de Agosto, dia de S. Bartolomeu, o vento sopra sempre com maior intensidade e alguma chuva por vezes ocorre.

Iconograficamente, S. Bartolomeu é representado com uma figura do diabo aos seus pés, preso por uma corrente, que o santo segura numa das mãos e na

outra empunha uma faca, em memória do martírio que sofreu, ao ser esfolado vivo. Por esse motivo, em substituição da faca poderá ser, também, representado segurando uma pele que lhe cai do braço.

Mas, quem foi, segundo as crónicas religiosas, S. Bartolomeu?

Segundo os Evangelhos, que pouca informação nos fornecem, sabe-se que terá sido um dos doze apóstolos escolhidos por Cristo, aparecendo sempre em associação a Filipe, e identificado com Natanael, que, segundo S. João (I, 45-51), é apelidado de Filipe. Dever-se-á, então, considerar que Bartolomeu, filho de Talmai e Natanael (dom de Deus), são dois nomes, um patronímico e outro o nome próprio. Bartolomeu terá nascido em Caná, na Galileia. O apostolado de S. Bartolomeu terá incidido, principalmente, na Ásia Menor, na Arábia, no Egipto, chegando mesmo à China. Terá sido na Arménia Menor que S. Bartolomeu foi martirizado. O registo lendário deste santo retira-se, maioritariamente, do apócrifo Evangelho de S. Bartolomeu. Este texto, divulgado, especialmente, no século XIII, através da *Legenda Áurea*, da autoria de Jacobo de Varazzo, ao qual se associam outras informações histórico-lendárias, informa que, segundo a tradição, S. Bartolomeu, quando evangelizava na Arménia Menor, teria fama de curar os que padeciam de doenças neurológicas. Sabendo destas capacidades curativas, o rei Polímio (Polémon II, rei do Bósforo, do Ponto e da Cilícia) requisitou os seus dotes curativos, para que tratasse uma sua filha que padecia de loucura. Curada a princesa, o rei terá querido recompensar S. Bartolomeu com grandes riquezas, que o santo recusou. Conseguiu, contudo, converter ao cristianismo o rei, que abdicou do trono, vindo a tornar-se bispo. Ao novo rei, irmão do bispo

Polímio, S. Bartolomeu tentou, igualmente, convertê-lo ao cristianismo, mas Astiages, ou Astreges, não querendo abdicar da sua velha religião, mandou-o matar. O martírio de S. Bartolomeu terá passado pelo espancamento, esfolado vivo, crucificado e, por fim, o seu cadáver lançado ao mar. Os despojos do santo terão, de novo, dado à costa, tendo sido recolhido por crentes e recebendo sepultura no mosteiro de Bachkale, na Arménia. Em 410, o bispo de Maruta, translada o corpo para Nephgerd, de onde viaja, novamente, em 507, por vontade do Imperador Anastácio I, para Daras, na Mesopotâmia. Depois de mais algumas transladações, por medo da profanação que sofreriam as relíquias, pelo progresso das tropas muçulmanas, em 983, os restos mortais de S. Bartolomeu recebem nova tumulação em Roma, na ilha Tiberina. Terá sido por ordem do imperador Otão II, da Alemanha, que se construiu, nesse local, para receber, condignamente, as relíquias do mártir, a Igreja de San Bartolomeo In Insula (Falcão e Pereira, 1996). A devoção por este santo e a consequente dispersão de relíquias faz-se sentir por toda a Europa Ocidental, depois do ano 1000. O martírio que sofreu, fê-lo padroeiro dos ofícios relacionados com a preparação de peles, cardação e tecelagem, estendendo-se, por semelhança, também, aos sapateiros e talhantes. As faculdades curativas de doenças do foro neurológico, por parte deste santo, justificam as múltiplas invocações, ao longo dos séculos, pelos que eram considerados possessos e tomados pelo diabo, ou endiabrados. A proliferação, em Portugal, de igrejas e ermidas de invocação de S. Bartolomeu, sobretudo, a partir da Reconquista, está intimamente relacionada, ou com comunidades cuja economia assentava no tratamento e transformação de peles e lã, ou com

a recuperação de pessoas que sofriam de doenças do foro neurológico e que tinham posses para mandar erigir algum templo em memória de S. Bartolomeu, como poderá ter acontecido em Alter do Chão, com a Igreja do Reguengo.

2.8.2. ANÁLISE DOS ÓBITOS NOS REGISTOS PAROQUIAIS DA IGREJA DE SÃO BARTOLOMEU DO REGUENGO

Fundamental para o conhecimento da comunidade de fiéis da Igreja de São Bartolomeu do Reguengo de Alter do Chão é a consulta dos Registos Paroquiais referentes a esta ex-paróquia e que se encontram depositados no Arquivo Distrital de Portalegre. De entre os vários tipos de rituais que houve necessidade de deixar em escrito – casamentos, baptismos e óbitos –, são, de facto, os óbitos aqueles que mais nos interessam, permitindo o cruzamento entre este tipo de informação e a de que se pode vir a encontrar com os trabalhos arqueológicos. Interessa-nos, fundamentalmente, ter uma ideia de quantos indivíduos foram aqui inumados, uma diferenciação numérica dos sexos, bem como uma diferenciação da natureza das idades (crianças e adultos).

Com o tratamento estatístico desta informação documental, podemos, por exemplo, identificar picos de maior mortalidade, geralmente associados a períodos de peste, ou guerras, e tentar confirmar esse aspecto através de eventuais estudos antropológicos. Contudo, estes dados fornecem-nos, unicamente, pistas. As normas de registo acabam por ocultar muita informação preciosa, tal como, a causa da morte, a idade do defunto e o espaço onde foi inumado. Por outro lado, os registos ocorreram num espaço cronológico

entre 1613 e 1839, ignorando-se, assim, por quanto tempo, para além, ou aquém destas datas, se realizaram enterramentos. Certamente, o número computado de 557 indivíduos registados é inferior à realidade de enterramentos praticados, não só devido ao factor atrás descrito, como também por falhas do próprio pároco, com adiamentos na actualização dos registos. Um dado fundamental, e que não foi registado, diz respeito ao espaço de inumação, se dentro ou fora do templo. Certamente que o interior foi ocupado, sobretudo para as pessoas socialmente mais relevantes. O exterior continua a ser uma incógnita.

Para a realização deste breve estudo estatístico, houve necessidade de criar uma base de dados, subdividida por vários parâmetros: Homens, Mulheres, Meninos e Meninas. Dentro da variedade de termos aplicados ao defunto, considerámos Homem (adulto), aqueles que vinham referenciados com “homem”, “casado”, “solteiro”, “viúvo”, com dois nomes ou com alcunha; Mulher (adulta), referenciada como “molher de”, “viúva”, “solteira”, “sogra”, “donzella”, “maior de idade”, “rapariga” e com dois nomes; Menino, referenciado como “menino”, “filho de” e um só nome, sem apelido; Menina, referenciada como “menina”, “filha de” e apenas nome próprio, sem apelido. Dentro de toda esta ambiguidade de terminologias, optámos por criar um parâmetro de excepções para os casos em se fazia referência a “huma criança”, ignorando-se o seu sexo e, ainda, o dos Indefinidos, correspondendo aos casos em que, por impedimentos de leitura, não foi possível inserir esse registo em nenhum dos parâmetros criados.

Nestes 226 anos, registaram-se 557 óbitos, a que corresponde uma média de 2,46 defuntos por ano. Numa breve análise do quadro geral, verifica-se que os pi-

cos de maior mortalidade não ultrapassam, no geral, os 8 indivíduos, acompanhados por suaves subidas e descidas. São disso exemplo os anos de 1615-1623 e 1726-1736. Observa-se, contudo, o excepcional ano de 1626, com 22 casos, ultrapassando, em larga escala, o segundo pior ano, o de 1812, com 9 casos. Existe também um período irregular entre 1635 e 1673, com anos sem baixas e outros com súbitas subidas. Entre 1803 e 1811, não se registaram mortes. Não terá o pároco procedido a registos? Terão sido transferidos os cerimoniais para outra paróquia? Numa análise dos mesmos registos para os casos dos baptismos e dos casamentos, reparamos que existe também um interregno entre 1801 e 1809, e 1799 e 1814, respectivamente, para cada um dos casos.

2.8.3. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA IGREJA DE S. BARTOLOMEU

No levantamento arqueológico dirigido por Clara Oliveira, como acima se refere, foram identificadas as ruínas da Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo. Os trabalhos arqueológicos foram desenvolvidos em duas fases, a primeira em 2001 e a segunda em 2003. As ruínas da Igreja de S. Bartolomeu possuem as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 614124;

Y - 4342869; Geográficas: 007° 40' 40.4'' W; 039° 13' 37.0'' N.

Um fortíssimo coberto vegetal constituído, sobretudo, por frondosas figueiras e espécies arbustivas, cobria uma plataforma claramente artificial, situada à esquerda de uma antiga calçada, praticamente destruída ou coberta por terras. Por entre a vegeta-

ção, distinguiam-se somente algumas pedras argamassadas. Se não existisse informação oral de que se ergueu, um dia, naquele local, seria impossível pelos vestígios superficiais identificar ali uma igreja. O seu estado de ruína deveu-se ao ciclone de 1941, ao arrasamento mecânico a que foi sujeita e, posteriormente, ao aproveitamento da pedra da sua fábrica noutras edificações que se localizam próximo, assim como para a construção do muro delimitador da propriedade da Coudelaria. Num monte próximo, Casa da Horta, situado dentro dos limites da Coudelaria, encontrava-se a pia baptismal, em granito, proveniente do templo de S. Bartolomeu.

Após a limpeza do denso coberto vegetal, foi efectuada uma raspagem superficial da forte camada de matéria humosa que revestia toda a área, o que possibilitou a identificação de mais alguns blocos de pedra com argamassa e de duas peças graníticas fracturadas, que apresentavam sinais de terem servido de apoio de gonzos metálicos. A disposição alongada, alteada e bem estruturada das raízes de uma das figueiras deixava adivinhar que, não há muitos anos, ali se encontraria um muro que condicionou e modelou a sua disposição.



Recolocação da pia baptismal

Foram removidos alguns derrubes de pedras e argamassas, que serviriam, posteriormente, para a consolidação e reconstrução dos muros da igreja. Efectuada a limpeza, procedeu-se ao levantamento geral, à escala 1/100, da igreja e zona envolvente, o que abrangeu uma área de 768 metros quadrados. Após o estabelecimento de uma rede de quadrículas de 2 x 2 metros de lado, organizadas a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente, para Norte-Sul e Este-Oeste, magnéticos, optou-se por iniciar a escavação com uma sondagem transversal ao eixo maior do espaço, na expectativa de se poderem

vir a identificar os muros ou os alicerces da igreja. Esta sondagem abrangeu os quadrados L - 7, L - 8, L - 9, L - 10 e L - 11. Não sendo perceptíveis à superfície os limites reais do espaço religioso e procurando-se, igualmente, avaliar o estado de conservação do piso, optou-se por realizar esta sondagem, que veio a possibilitar, de imediato, o reconhecimento de que, do piso, apenas restavam fragmentos de tijoleiras rectangulares que teriam revestido todo o piso. Sob uma camada de terra muito humosa, que não ultrapassava, em média, os dez centímetros, começaram a isolar-se vários sepulcros cobertos e estruturados

com tijoleiras unidas por argamassas. Não sendo nosso objectivo proceder à escavação / estudo dos depósitos funerários, optou-se por escavar em área e não em profundidade, pretendendo-se, assim, compreender a estrutura da igreja e não perturbando os enterramentos, alguns ainda muito próximos em termos temporais. Constatou-se que houve uma clara intenção de destruir e regularizar o espaço religioso. Constatou-se, também, que a fábrica da igreja era extremamente frágil, assentando directamente sobre o solo, com alicerces muito reduzidos. A técnica construtiva mostra-nos paredes com uma largura média de 70 centímetros, compostas por elementos líticos de xisto e granito informes, ligados por argamassas muito pobres. Em frente ao local onde se situaria a porta, registou-se uma pequena calçada obtida por quatro tramos, maioritariamente de blocos de xisto, limitados por fileiras de pedras graníticas de maiores dimensões. Durante estes trabalhos foi ainda identificada uma outra estrutura, adossada ao corpo da igreja, a Norte desta, à esquerda do local onde se situaria o altar-mor, provavelmente, ou uma pequena sacristia, ou um pequeno altar lateral. Detectou-se, também, parte do assentamento de um fino muro, obtido por tijoleiras argamassadas, transversal ao corpo da igreja e que constitui o assentamento das “Grades de Deus”, que separariam o altar do restante corpo da igreja.

Na segunda fase dos trabalhos, após nova limpeza da vegetação no interior e em redor das estruturas visíveis, procedeu-se à remoção de terras no exterior da edificação, junto ao muro lateral esquerdo, zona da sacristia / capela lateral, a fim de se delimitar a mesma. Foi posta a descoberto na sua totalidade a estrutura, que está adossada ao corpo da igreja. Tem

forma rectangular e muros mais estreitos que os do resto do corpo da igreja (55 centímetros).

Procedeu-se à escavação na zona do altar-mor, na tentativa de localizar este topo da igreja, do qual apenas eram visíveis leves sinais. A demarcação deste muro foi definida pelo limite dos muros laterais do edifício, que coincidiam. A igreja apresenta um comprimento externo de 14 metros por 8 metros de largura e uma área interna de 80 metros quadrados, se exceptuarmos o anexo lateral que ocupa uma área de 7,8 metros quadrados. Concluída a intervenção arqueológica e perante tantas memórias nostálgicas que nos foram sendo relatadas pelos mais idosos de Alter do Chão, optámos por consolidar e reabilitar as ruínas da Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo, tentando recuperar a memória e as tradições do local. O estado de destruição do sítio e a terraplanagem que terá sofrido anteriormente provocaram a quase total ausência de materiais arqueológicos neste local. A proximidade dos sítios pré-históricos poderá explicar a presença de um elemento de mó (dormente) em granito. Os restantes materiais arqueológicos são compostos por pequenos fragmentos de cerâmica de fogo, de características medievais/modernas, fragmentos de faianças, um botão em osso, um fragmento de dedal em bronze e alguns pregos em ferro, todos atribuíveis à Idade Moderna.

Previamente, cobriu-se toda a área com manta geotêxtil para isolar os testemunhos antigos dos novos muros. Com a colaboração dos mestres-pedreiros da Coudelaria, altearam-se os muros numa média de 35 cm, recorrendo-se à técnica tradicional (argamassa e pedra). Para este efeito, utilizou-se pedra que se encontrava no local, pertencente aos muros derrubados da igreja. A parede do altar-mor foi levantada

até aos 3 m. Na construção desta parede utilizou-se tijolo duplo, de modo a que se obtivesse a espessura da restante parede do corpo da igreja e nela se rasgou um nicho central, para albergar a imagem de S. Bartolomeu em dias de romaria. Esta parede foi rebocada de forma irregular e caiada. Para o remate da parede, utilizaram-se pedras de pequeno e médio calibre que foram dispostas de forma irregular para sugerir uma ruína. O topo do altar, em ruína fictícia, foi encimado por uma cruz em ferro forjado feita pelo mestre-ferreiro da Coudelaria. Para pavimentação do interior da igreja, fizeram-se duas escolhas. Para a zona do altar-mor, delimitada pelos testemunhos originais de assentamento das “Grades de Deus”, usou-se uma tijoleira de fabrico artesanal com as mesmas dimensões de exemplares que foram encontrados durante a escavação. O restante corpo da igreja foi coberto com saibro para protecção do nível arqueológico que se encontra imediatamente abaixo.

Pela documentação escrita, sabíamos que a porta apresentava um arco de volta perfeita e com base nos testemunhos materiais conhecíamos a dimensão da soleira. Com base nestes elementos, foi edificado um arco de volta perfeita, em tijoleira, para o pórtico de entrada. Decidimo-nos também pela criação de uma torre sineira, em memória da que existia à esquerda do pórtico, conforme nos é transmitido pela documentação escrita. Esta torre, em ferro, foi projectada pelo mestre-ferreiro da Coudelaria. Porque nos diz a tradição que as mulheres que não conseguiam engravidar deveriam tocar três vezes seguidas o sino da igreja e os seus desejos seriam satisfeitos, a nova torre foi encimada por um pequeno sino, adquirido para o efeito. A original pia bap-

mal em granito, peça de características medievais, encontrava-se junto à Casa da Horta, situada nas imediações da igreja. Foi remontada, no seu local original, à esquerda da entrada da igreja. Também e de acordo com as informações que conseguimos obter, construiu-se um cruzeiro fronteiro ao pórtico de entrada. Foi aproveitada uma pedra de cantaria que se encontrava abandonada nas imediações das “Casas Altas”, sobrepujada por uma cruz em ferro adquirida a um particular na Azaruja.

Finalizou-se a recuperação das ruínas, com a aplicação de uma aguada de cal em toda a estrutura edificada. Para facilitar o acesso ao adro da igreja, foi montada uma escada feita com toros de madeira. Optou-se por esta escadaria, de forma a ultrapassar o desnível existente entre o perfil natural do terreno e a plataforma artificial que sustenta o templo.

Os trabalhos terminaram com a realização da Romaria de S. Bartolomeu, a 24 de Agosto de 2003, dia de S. Bartolomeu e da tradicional festa que aqui se realizava. A cerimónia religiosa iniciou-se com o regresso, em procissão e transportada por carro puxado por cavalos, da imagem original de S. Bartolomeu, que havia mais de sessenta anos se guardava na Igreja Matriz de Alter do Chão. Uma celebração religiosa assinalou o acto, terminando com o descerar de uma lápide evocativa da memória dos que ali receberam sepultura. Terminados os actos solenes, a Banda Filarmónica de Alter do Chão alegrava os que petiscavam sardinhas assadas oferecidas pela Câmara Municipal de Alter. Mais de sessenta anos depois, no dia 24 de Agosto de 2003, a Romaria de S. Bartolomeu do Reguengo foi retomada, repetindo-se nos anos de 2004 e 2005. Esperemos que as gentes de Alter a saibam e queiram continuar.



Igreja de S. Bartolomeu, antes do início dos trabalhos



Limpeza da vegetação



Início da escavação



Nível de enterramentos no interior da igreja



Empedrado original em frente à porta



Reconstituição dos muros



Construção do altar da igreja



Assentamento da torre sineira



Reconstituição da porta





Chegada do carro com a imagem de S. Bartolomeu em 24/08/03



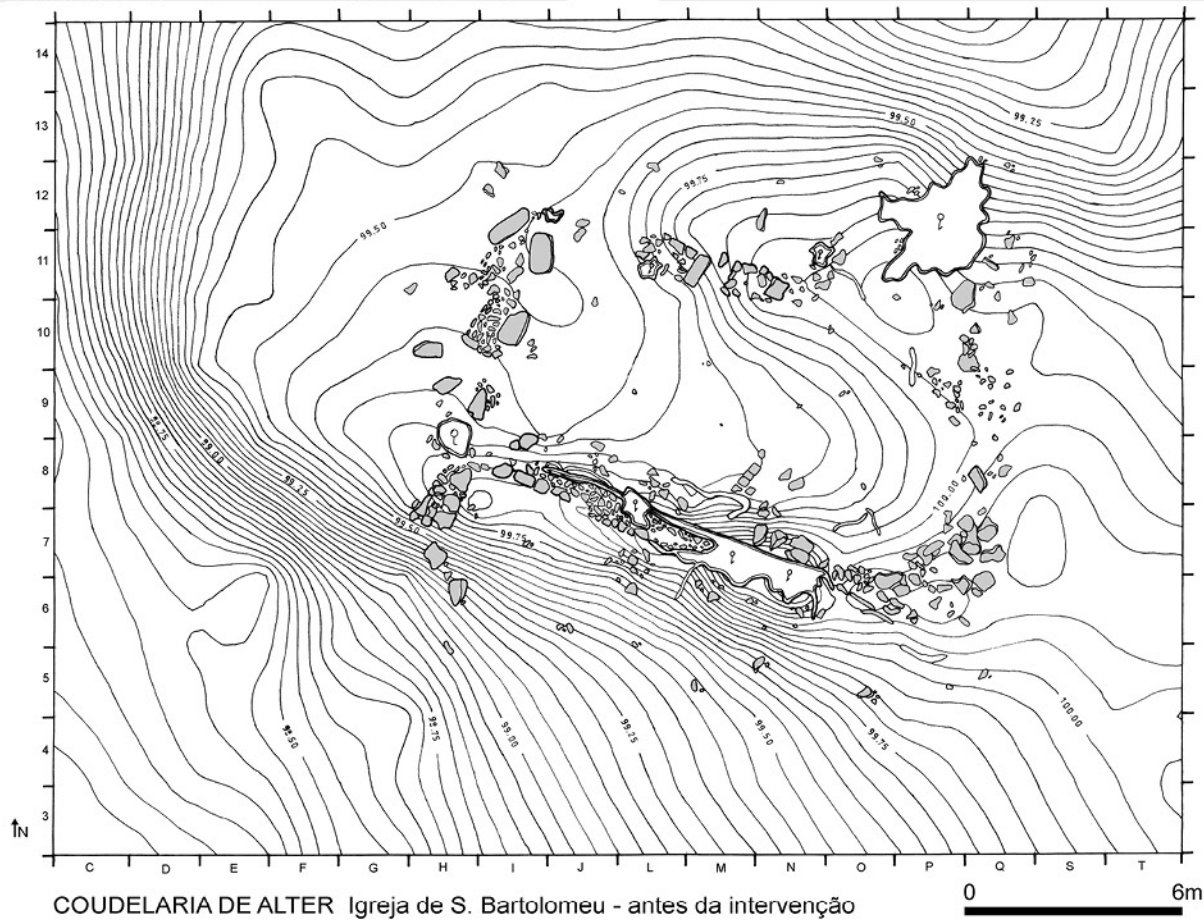
Entrada da imagem de S. Bartolomeu na igreja



Cerimónia de reconsagração da Igreja de S. Bartolomeu







3. EM SÍNTESE

Os trabalhos de prospecção e escavação arqueológicos realizados na área da Coudelaria de Alter revelaram uma continuada e ininterrupta ocupação humana do espaço. Reconhece-se que esta antropização se inicia com as comunidades de caçadores/recolectores, cujos testemunhos são reconhecidos, maioritariamente, nas margens das duas principais linhas de água (*vide* relatório, em anexo), mas são os vestígios das primeiras comunidades de agricultores e pastores que marcam a paisagem. Os resultados dos trabalhos que permitiram a identificação de testemunhos paleolíticos na

área da Coudelaria são aqui apresentados em anexo, dada a sua especificidade técnica e metodológica. Nos oitocentos e cinquenta hectares que formam esta propriedade, parece reconhecerem-se três unidades com evidências arqueológicas e, em qualquer delas, são os testemunhos do Neolítico aqueles que mais se destacam. A unidade do Reguengo, que, pela diversidade de testemunhos, se poderá denominar de Complexo Arqueológico e porque foi onde incidiu, maioritariamente, a nossa investigação, é aquela que até ao momento nos pode fornecer mais informação e sobre a qual assentarão, especialmente, as nossas reflexões e interpretações. As outras duas unidades, a de Vale de Carreiras e a da Espera d'El Rei, separadas pela Várzea Grande, poderemos entendê-las como territórios com dinâmicas e especificidades antrópicas próprias.

A unidade de Vale de Carreiras é marcada, maioritariamente, pela Ribeira do Freixo, afluente da Ribeira de Seda. Os testemunhos arqueológicos aqui identificados, quatro antas e testemunhos superficiais de *habitats* atribuíveis ao Neolítico e, eventualmente, aos inícios do Calcolítico, pela sua organização espacial, parecem depender e estar em articulação directa com a Ribeira do Freixo. Foi na suave, mas modelada, encosta virada a Sul, sobranceira ao ainda densamente arborizado talvegue onde esta ribeira corre, que foram implantados os quatro sepulcros megalíticos de Vale de Carreiras que sobreviveram até hoje. A linha de cumeada é marcada por afloramentos graníticos, por entre os quais ocorrem elementos de mó, percutores esferóides, restos de talhe em sílex e materiais cerâmicos atribuíveis ao Neolítico. Ultrapassado o festo para Norte, a paisagem altera-se e os

vestígios arqueológicos rareiam. Depreende-se, assim, que o fértil vale da Ribeira do Freixo terá sido factor fundamental de fixação das comunidades neolíticas que aqui estanciaram.

Do outro lado da ribeira, em pendente exposta a Norte, numa estreita língua de terra sobranceira ao fértil vale, encontra-se, isolada, outra anta. Esta, denominada de Anta da Várzea Grande e por nós escavada, parece pertencer a um outro contexto paisagístico e cultural que poderemos denominar de Espera d' El Rei e que se prolonga para lá dos muros da Coudelaria. Esta denominação tem origem numa fonte setecentista, com o mesmo nome, que a tradição diz ter sido local eleito pelo rei D. Carlos para espera de caça maior. A unidade da Espera d'El Rei parece articular-se com a linha de festo dominada pelo marco geodésico de Vale da Pia e que fecha o anfiteatro natural que envolve a Coudelaria pelo sul. A partir desta unidade, pelo menos do ponto de vista geomorfológico e paisagístico, parece emergir outra realidade cultural que se diferencia da do Vale de Carreiras. Os vestígios neolíticos concentram-se, maioritariamente, na muito suave encosta virada a Sul, onde se destacam as antas da Torrejana e Arribana das Colmeias, já fora da Coudelaria. Mas os testemunhos mais notáveis desta paisagem estendem-se ao longo da margem esquerda da Ribeira do Freixo. Aqui, onde ocorrem solos mais pesados e argilosos e encostas mais suaves, os vestígios romanos dominam a paisagem, em detrimento dos das primeiras comunidades agropecuárias. A escassos trezentos metros para poente do muro da Coudelaria encontra-se o Monte da Borra, ou da Porra, como também por vezes aparece cartografado. Praticamente por toda a área

envolvente deste prédio agrícola são visíveis vestígios da presença romana. Pesos de lagar, cerâmicas de construção, blocos de granito almofadados, tampas de sepultura em xisto e escória de ferro registam-se com frequência. A ocorrência de abundante escória de ferro poderá justificar o topónimo, mais frequente, deste prédio agrícola, Monte da Borra. Outra toponímia local indicia a presença de testemunhos romanos ou medievais, como é o caso de Vale da Pia, que poderá estar relacionado com a presença de sepulturas. Mas é a escassos metros da casa agrícola do Monte da Borra, sobre uma suave colina, a Norte da via romana que partia da actual vila de Alter do Chão, contornando a Sul o muro da Coudelaria e dirigindo-se à Ponte Romana de Vila Formosa, que se encontra uma plataforma artificial, sustentada por grossos muros, unidos por argamassa. Sobre esta larga plataforma e por entre o coberto vegetal, ainda se adivinham as estruturas de uma imponente construção romana, provavelmente a mesma a que se refere o manuscrito da Biblioteca Pública de Évora e que o seu anónimo autor denomina de Casa da Aveleda. Mais nos informa o referido manuscrito que, na Casa da Aveleda, um tal Luís Silva, enquanto lavrava, terá encontrado uma quantidade de moedas de prata e que as vendeu a um ourives em Portalegre por “2000 mil Réis”. Um pouco mais a Sul, nas imediações da Fonte da Torrejana, não muito distante da anta que aí se situa, regista-se outra larga mancha com presença de materiais romanos. A predominância de testemunhos romanos nesta unidade, ou no seu prolongamento, que parece iniciar-se ainda na extremidade sul da área da Coudelaria e se estende para a sub-bacia hidrográfica da Ribeira de Não-Vás-Lá, condiz com o

tipo de solos que aí ocorrem. Estamos em presença de solos com melhor aptidão agrícola para cereais, que contrastam com os de classe C e D que caracterizam os das outras unidades, mais propícios à pastorícia ou, junto às linhas de água, à horticultura.

Foram os solos arenosos e bem drenados da Coudelaria que justificaram a forte ocupação por parte dos primeiros agricultores e pastores e que, passados milhares de anos, no século XVIII, voltaram a ser escolhidos para acolher a *Eguada Real*. Por essa mesma razão são tão residuais os vestígios romanos neste mesmo território, contrastando com o que ocorre em solos de classe A e B existentes fora da Coudelaria.

A incipiente tecnologia agrícola das primeiras comunidades neolíticas, ainda incapaz de domesticar solos pesados, obrigou-as a optarem pela exploração de terrenos mais leves e bem drenados que encontramos, com especial incidência, na zona do Reguengo, situada na extremidade nordeste da Coudelaria. Mas estes solos são, igualmente, os mais propícios à pastorícia, especialmente para um número reduzido de cabeças, o que combinava, perfeitamente, com a estrutura económica das primeiras comunidades produtoras, ainda muito dependente da caça e da recolção. Estranhamente, só muito recentemente é que foi por todos reconhecido que foram os nichos e abrigos, protegidos por grandes afloramentos, situados preferencialmente junto a nascentes, ou cursos de água, em encostas suaves, expostas a Sul ou poente, com um razoável domínio visual, mas, ao mesmo tempo, camufláveis pelos afloramentos, os locais eleitos para o estabelecimento dos *habitats* das primeiras sociedades produtoras. A unidade do Reguengo preenche, globalmente, todos os requisitos para que aqui se

tivessem fixado, ainda que sazonalmente, comunidades que davam os primeiros passos para a domesticação da terra e dos animais.

HABITAT E “SANTUÁRIO” DO REGUENGO

O *Habitat* e Santuário do Reguengo, quer pela sua proximidade geográfica, quer pelos conjuntos artefactuais exumados, terão que ser interpretados no mesmo contexto cultural. Se outras sondagens tivessem sido abertas, ou se um dia se vier a promover uma escavação em área, seguramente que se encontrará uma continuidade de ocupação que ligará os dois sítios. Os afloramentos que enquadram os dois arqueossítios constituem-se como uma linha ininterrupta, embora os da zona central sejam menos volumosos, parecendo existir aí um hiato. Provavelmente, o hiato que hoje se observa resultará mais de aterros recentes do que a morfologia natural configuraria.

Recorde-se que, em torno da Pedra da Águia, sobretudo na face norte, o nível pré-histórico só foi detectado a mais de um metro de profundidade. A continuada ocupação do local e sobretudo a destruição, na década de quarenta do século XX, da aldeia do Reguengo e a conseqüente regularização do terreno e a sua preparação para pastagens alteraram profundamente o relevo natural da zona.

Durante o Neolítico mais antigo, conforme nos demonstram as estruturas e materiais identificados, em torno da Pedra da Águia, mas especialmente nas faces sul e poente, foram construídos abrigos. Um empedrado, formado por blocos de granito de pequena e média dimensão, provavelmente cobertos por uma massa de palha e terra, à semelhança do que ainda

hoje se utiliza nalgumas cabanas de pastores, alteava e isolava o piso destes *habitats*. Uma estrutura de madeira, encostada aos afloramentos, compensada por postes, mais ou menos verticais, que suportaria uma cobertura vegetal, de pele de animal ou mista, propiciava um revestimento impermeável. Para evitar que a água da chuva que escorria pela superfície dos afloramentos inundasse o espaço de vivência, os primeiros habitantes do Reguengo rasgaram canais, com cerca de trinta centímetros de largura e vinte de profundidade, que acompanhavam o perfil exterior dos batólitos, conduzindo a indesejada água para o exterior dos abrigos. Na área escavada, foi possível identificar, no interior da área que teria sido coberta, parte do local da lareira, protegida por blocos de granito de grande dimensão, que funcionariam como pára-fogo. Um empedrado com pequenas peças de granito e quartzito revestiam a base da lareira, funcionando como acumuladores térmicos. As fracturas térmicas que apresentavam e a sua coloração indicavam fortes e prolongados lumes. Encostados aos termoclastos, preservaram-se, pelo menos, a parte inferior de dois fornos para alimentos, semelhantes aos identificados nas margens do Guadiana, em Xarez 12 e Carraça 1 (Gonçalves, 2002), para só se referir aqui os reconhecidos no interior alentejano. Moldados em argila, com incorporação de pedaços de cerâmica, múltiplas vezes cozidas, indiciam várias reconstituições, ou moldagens funcionais. As bases dos dois fornos eram revestidas por blocos de pedra, que funcionariam como acumuladores térmicos. Desconhecemos se estes fornos seriam, quando cheios de alimentos, igualmente revestidos de argila na parte superior, ou se funcionariam, unicamente,

como bases para assados. Os fornos apresentam uma forma oval, com cerca de sessenta centímetros de comprimento, quarenta de largura e uma profundidade que ainda hoje atinge os doze centímetros. A espessura máxima das paredes não ultrapassa os oito centímetros. No forno melhor conservado, observa-se uma estreita abertura, numa das extremidades, que acompanha toda a altura da parede. Esta abertura, pela sua pequena dimensão, serviria, provavelmente, como respirador. Se fosse essa a sua função, então o forno seria, totalmente, fechado com argila. Estaremos, assim, em presença de fornos em que, pelo menos, a parte superior seria refeita sempre que, por exemplo, uma peça de caça aí fosse colocada. Esta forma de cozinhar ainda, de alguma forma, se mantém hoje, entre os caçadores. O denominado coelho à caçadora é cozinhado, no campo, da seguinte forma: ao animal são retiradas as vísceras e é esfolado. A carne é polvilhada com sal, folhas de louro ou alecrim e regada com vinho. A pele, previamente retirada, volta a envolver o animal. Abre-se uma cova na terra, enterra-se o animal e cobre-se com uma fina camada de terra. Uma fogueira é acesa sobre este “forno” e mantém-se o lume vivo durante cerca de duas horas. Quando o lume se apagar, remove-se a terra e retira-se a pele ressequida. O coelho está pronto para ser comido.

No espaço deste *habitat*, sobre o nível de empedrado mas, maioritariamente, no entorno da lareira, identificaram-se diversos restos de talhe em sílex, sinal que aí, provavelmente, enquanto se esperava que a refeição estivesse pronta, instrumentos em sílex eram pacientemente talhados. Pela abundância de fragmentos de cerâmica, sem conexão directa, que

se encontraram nas terras que se sobrepunham ao nível de empedrado de base, poderemos deduzir que o nível de regularização do fundo da cabana, formado, possivelmente, por palha e terra, seria refeito periodicamente, sem que os detritos fossem totalmente retirados. Tratando-se de comunidades ainda não totalmente sedentárias deambulariam por diferentes territórios de exploração, regressando, ciclicamente, aos seus antigos *habitats*. Ao regressarem, teriam que reabilitar o seu espaço, renovando a cobertura e refazendo o fundo da cabana. Os cuidados demonstrados na condução das águas pluviais, que escorriam pelos afloramentos, mostram-nos que, pelo menos, durante a época das chuvas, Outono e Inverno, a zona da actual Coudelaria estava ocupada por estas comunidades neolíticas.

Cerca de cinquenta metros para Sul do abrigo que temos vindo a descrever encontra-se o “Santuário” com arte rupestre. Os materiais arqueológicos aqui identificados, durante a escavação efectuada, apresentam características idênticas aos recolhidos nas sondagens abertas em torno da Pedra da Águia, embora em menor número, o que é perfeitamente normal, se, de facto, se tratar não de um espaço de vivência, mas ritual. A única peça identificada que se afasta deste ambiente mágico-religioso é um elemento de mó, um dormente, que se encontrava à superfície, encostado a uma velha oliveira. Fora de contexto arqueológico, facilmente se entenderá o seu transporte e reutilização, provavelmente como assento de algum pastor que não temia a maldição das “oliveiras do feitiço”. Reconheça-se, contudo, que esta mó não se encontrava no interior do espaço considerado amaldiçoado, mas sim na sua periferia, junto ao caminho. Sete

pequenos seixos rolados, com forma ovóide, vulgarmente denominados por “ovinhos”, constituem o lote de artefactos mais significativos e expressivos, identificados no nível de base da área escavada no “Santuário”. Sem sinais de percussão, ou desgaste funcional, poderão ter alguma carga simbólica, ou, como também já foi aventado, mais não seriam do que projecteis de funda. Contudo, esta hipótese parece-nos pouco aceitável neste contexto, reconhecendo-se-lhe, com maior facilidade, alguma relação com o ambiente mágico-religioso onde foram recolhidas. Recorde-se que não é invulgar encontrar, entre os conjuntos artefactuais relacionados com feitiçaria, a presença de pedras semelhantes utilizadas em sessões de divinação, denominadas por pedras de lançar. Os restantes materiais recolhidos na escavação do “Santuário” são três fragmentos de cerâmica, com características pré-históricas e minúsculos restos de talhe, em sílex, que ocorreram em níveis de terra húmida mais superficiais. Pelas suas pequenas dimensões poderão ter sido arrastados do espaço de *habitat* que se situa próximo. Dos fragmentos de cerâmica aqui recolhidos, convém destacar o SPH 33. Trata-se de um fragmento de taça lisa, com bordo levemente espessado. Esta forma encontra paralelos nas peças HR - 124 e HR - 65, recolhidas em níveis superficiais do *habitat* acima descrito, e que aponta para contextos mais recentes, relativamente ao conjunto artefactual, atribuído ao Neolítico Antigo, identificado no nível dos fornos e empedrado do fundo de cabana, localizado junto à Pedra da Águia. A escavação efectuada no santuário destinava-se, sobretudo, a identificar materiais que nos possibilitassem atribuir um sempre provável posicionamento cronocultural

para as manifestações gravadas sobre os afloramentos. Infelizmente, os materiais identificados não nos permitem estabelecer qualquer relação segura. Os sete seixos rolados dificilmente poderão servir como baliza cronológica, considerando que eles ocorrem em contextos que se prolongam desde o Neolítico mais antigo até finais do Calcolítico, tanto em espaços de *habitat*, como e maioritariamente em contextos funerários megalíticos. Resta-nos reconhecer que as expressões artísticas gravadas sobre os afloramentos, que atrás descrevemos, especialmente os símbolos astrais da rocha 20, encontram paralelo nas representações existentes em menires de recintos megalíticos dos arredores de Évora, que, segundo os seus escavadores, remontarão a fases iniciais do Neolítico. Se esta relação e posicionamento cronológico estiverem correctos, poderemos considerar que as gentes que cozinhavam em fornos de argila, viviam sobre empedrados e utilizavam cerâmica profusamente decorada foram as mesmas que gravaram covinhas e representações astrais sobre as rochas que definem um espaço mágico-religioso, hoje denominado “oliveiras do feitiço”.

Em toda a área escavada, apenas no *habitat*, sobre o empedrado e junto a cerâmicas com decoração incisa, foi possível identificar material passível de datação radiométrica. Trata-se de um dente de cavalo. Contudo, pela sua enorme importância simbólica para a História da Coudelaria e de acordo com a Direcção desta instituição, optámos pela sua conservação, não o submetendo a processo destrutivo de datação. Paralelamente, é intenção da Coudelaria de Alter proceder à futura recolha de DNA desta amostra para comparação com o banco de dados já existente. Esta

opção foi também reforçada pela forte hipótese de, ao alargar-se a área de escavação, ser possível recolher outros materiais datáveis. Assim, e na ausência de datações absolutas, haverá que estabelecer paralelos com sítios idênticos do interior alentejano. O “Sítio neolítico da Valada do Mato”, situado nas imediações de Évora, que tem vindo a ser estudado por Mariana Diniz, poderá ser o exemplo mais significativo para estabelecer paralelos, enquanto não estão disponíveis, na sua totalidade, os resultados dos trabalhos realizados no vale do Guadiana. Em Valada do Mato, as semelhanças com o *habitat* do Reguengo da Coudelaria de Alter são aplicáveis, no que se reporta ao ambiente envolvente, ao empedrado de base e, sobretudo, aos conjuntos artefactuais, formados por cerâmicas decoradas por incisão, impressão, aplicações plásticas e uma indústria lítica em sílex de feição lamelar (Diniz, 2001). Na Valada do Mato, uma amostra de carvões recolhidos no interior de uma “estrutura de combustão” forneceu uma data calibrada, a 2 sigmas, de 5040 – 4790 BC. (Diniz, 2001 a). Reconhecendo as limitações que advêm por se tratar de apenas uma data, ela assume, contudo, particular importância, porque nos ajuda a posicionar, em termos cronológicos, a emergência das comunidades produtoras nesta zona do Norte Alentejano. Observando-se que o registo pré-histórico identificado no entorno da Pedra da Águia é extremamente homogéneo, e que se posicionará, pelo menos, em meados do V milénio B.C., e será resultante de uma ocupação relativamente restrita no tempo, permitir-nos-á, mais à frente, estabelecer algumas comparações, quer com as evidências arqueológicas do *habitat* da Porta do Tempo, quer com os sepulcros megalíticos estudados na área da Coudela-

ria. Amostras de terras do *habitat* do Reguengo foram recolhidas para análises paleoambientais, cujos resultados se apresentam em anexo.

HABITAT DA PORTA DO TEMPO

O estabelecimento e estruturação de *habitats* durante o Neolítico Antigo, na área da Coudelaria, ocorre, praticamente, pelo menos na zona do Reguengo, por entre todas as formações graníticas de maior volumetria e, maioritariamente, no entorno dos dois sepulcros megalíticos aqui localizados, a Anta da Horta e a Anta da Soalheira.

Por entre os múltiplos afloramentos situados junto à Porta do Tempo, cujo nome poderá ser uma corruptela de templo, já que por esta porta se estabelecia um dos percursos mais directos para a Igreja de S. Bartolomeu, encontram-se os vários abrigos, igualmente com ocupação iniciada durante o Neolítico Antigo, onde procedemos a sondagens, já anteriormente descritas. Dos abrigos escavados, evidencia-se o da Toca da Raposa, quer pela abundância de materiais que forneceu, quer pelas estruturas que comporta. Neste *habitat* parece reconhecerem-se, pelo menos, duas fases distintas de ocupação. A muito reduzida compactação das terras e sobretudo a fraca potência de solo inviabilizou quer a escavação em área por unidades estratigráficas, quer a identificação em corte das fases de ocupação. Por outro lado, denotaram-se, ao longo da escavação, manchas de terra mais humosa que se prolongava até à rocha, indiciadoras de violações, ou intrusões. A percepção da existência de, pelo menos, duas fases de ocupação resulta da evidência de dois grupos de materiais, sobretudo cerâmicos,

com características distintas e que se filiam em contextos cronoculturais diferentes. Maioritariamente, nas terras mais superficiais e por consequência mais húmidas, registaram-se, essencialmente, cerâmicas abertas, superfícies lisas e um número significativo de bordos espessados. Estes recipientes cerâmicos apresentam diâmetros que oscilam entre os 20 e os 40 cm. Sobretudo abaixo deste nível, registaram-se as cerâmicas decoradas com todas as variantes, incisas, impressas e com aplicações plásticas, estando também presente “cerâmica cardial”.

A cerâmica decorada apresentava-se muito mais fracturada, não possibilitando, na maioria dos casos, definir globalmente a sua forma e determinar, com precisão, o seu diâmetro. Nos poucos casos em que foi possível projectar a peça, reconhecem-se formas fechadas com diâmetros inferiores a 25 cm. É também proveniente deste contexto a colher de cerâmica registada com o número TR 30. O fragmento de recipiente cerâmico TR 109, que numa leitura imediata parecia incluir-se nas séries de bordo denteado, depois de observado à lupa binocular, reconheceu-se não pertencer a esse grupo. Trata-se de uma fractura muito regular que acompanhou uma linha de impressão decorativa mais profunda e que fragilizou a peça. Para além desta singular fractura, esta peça apresenta uma pasta muito depurada e bem cozida e uma coloração alaranjada que a afasta do restante conjunto cerâmico de tom castanho-escuro. Maioritariamente, a utensilagem lítica foi identificada sobre o empedrado de base, em associação com as cerâmicas decoradas. Inclui-se neste grupo o machado TR 24, de secção subcircular, com superfície picotada. A restante indústria lítica é formada por lamelas,

núcleos e restos de talhe em sílex. Este *habitat*, bem protegido e dissimulado por entre os afloramentos mas, igualmente, detentor de um bom domínio visual para todo o vale que se estende a poente, apresenta uma estruturação de piso empedrado semelhante ao identificado no *habitat* do Reguengo, do qual dista cerca de quinhentos metros. Também na cabana que aqui foi montada durante o Neolítico, houve necessidade de conduzir, para o exterior, as águas pluviais que escorriam pelos afloramentos. A solução adoptada por estes habitantes foi mais engenhosa e eficiente. Enquanto que os utilizadores do abrigo situado junto à Pedra da Águia se limitaram a escavar valas de drenagem, os da Toca da Raposa optaram por utilizar blocos finos de granito, resultantes da clivagem natural dos afloramentos, para com eles formarem condutas estruturadas que acompanham o perímetro dos principais batólitos que recolhem e conduzem as águas para o exterior do espaço de *habitat*. Estas condutas assentam, na maior parte do percurso, directamente sobre a rocha de base, sendo, com grande probabilidade, contemporâneas da primeira fase de ocupação.

222

Durante os trabalhos de escavação, que se prolongaram por todo o Inverno de 2005, tivemos que recorrer à montagem de um toldo impermeável que cobria todo o espaço deste abrigo. Sem que o objectivo fosse desenvolver arqueologia experimental, sentimos como era fundamental a drenagem das águas que escorriam pelos afloramentos e, quando colocámos a descoberto a conduta de drenagem neolítica, observámos como ainda funcionava perfeitamente, evitando que o espaço de *habitat* ficasse inundado. Contudo, o empedrado de base não cobria toda a área do abrigo.

Esta ausência de pedras é perfeitamente compreensível nas metades este dos quadrados O 10 e P 9, onde a rocha de base é mais regular e ocorre à mesma cota do restante empedrado, porém, na outra metade destes quadrados e na área escavada de O 9, a rocha de base ocorre a cotas mais profundas, definindo-se um significativo abatimento com notória ausência de empedrado. Foi neste espaço, onde se nota a ausência de pedras de elevação e regularização do piso de *habitat*, que se identificou, adossada à rocha, uma base de lareira formada por uma grossa placa de argila. Hoje, com uma forma irregular e sinais de múltiplas fracturas, resultantes das altas e continuadas temperaturas que sofreu, não nos é possível determinar com segurança o seu perímetro total e, igualmente, a sua forma. Provavelmente, devido à acidez do terreno, não foi possível identificar matéria orgânica passível de datação nas imediações da base de lareira. A cota a que se situa parece enquadrar-se no mesmo nível onde ocorrem, com maior incidência, os materiais mais antigos, atribuídos ao Neolítico Antigo, contudo, situa-se, igualmente, na zona de maior revolvimento e exactamente no espaço onde o empedrado está ausente, tornando-se difícil determinar se esta base de lareira pertence, ou não, ao contexto vivencial mais antigo.

No quadrado O 9, no limite de uma mancha de empedrado, identificou-se um buraco de poste estruturado, que parece ser contemporâneo da fase inicial de ocupação deste abrigo.

Pelo que acima fica descrito, no *Locus* da Toca da Raposa, situado na área de *habitat* da Porta do Tempo, reconhecem-se duas fases de ocupação, correspondentes a dois momentos do Neolítico. O primeiro,

poderemos colocá-lo nos inícios do Neolítico, sendo contemporâneo da primeira ocupação da Pedra da Águia. O segundo apontará para um momento posterior, provavelmente, e, atendendo à presença de bordos espessados, poderá ser posicionado nos finais do Neolítico, ou, mesmo, já em inícios do Calcolítico. Os outros abrigos sondados na área do *habitat* da Porta do Tempo também revelaram ocupações pré-históricas atribuíveis ao Neolítico Antigo.

O *Locus 1*, encaixado entre afloramentos, apresenta-se limitado a Norte por um murete que une os dois afloramentos mais distantes, permitindo o fecho completo desta área de *habitat*. Provavelmente, por neste espaço não se sentirem tanto os efeitos da escorrência de águas pluviais pelas faces dos afloramentos, apenas foi identificada uma curta vala, escavada no saibro, encostada ao afloramento sul, assim como apenas foi registada uma pequena mancha de empedrado, provavelmente destruído pela ocupação medieval, que neste local também se fez sentir. O reduzido número de materiais pré-históricos aqui identificados, formados por cerâmicas decoradas, restos de talhe e fragmentos de lamela em sílex, remetem-nos para um contexto atribuível ao Neolítico Antigo.

O *Locus 2* da Porta do Tempo, para além de apresentar uma estrutura de empedrado semelhante às anteriormente descritas, evidencia, igualmente, uma vala de drenagem, aberta no saibro, encostada ao afloramento de maiores dimensões, que protege o espaço pelo Oeste. Este *habitat*, por se encontrar numa pendente acentuada, apresenta, no nível superficial, claros sinais de escorrência, com presença de materiais modernos e contemporâneos, assim como cerâ-

micas pré-históricas lisas, formas mais abertas e algumas com sinais de carenas, provavelmente, médias, assim como um fragmento de ídolo-placa em arenito, em fase de acabamento. Neste nível, recolheu-se um fragmento de cerâmica de forma cilíndrica (LOC2 150), que apresenta uma perfuração transversal e que poderá ter pertencido a um peso de tear, atribuível ao Calcolítico. Sob a camada de terra mais solta e por entre o nível de empedrado, recolheram-se cerâmicas decoradas, impressas, incisas e com aplicações plásticas. A indústria lítica lascada é formada por lamelas, buris, núcleos e restos de talhe, em sílex. Uma porção de machado de pedra polida (LOC2 51) foi igualmente recolhida neste contexto. Um pendente em rocha verde (LOC2 35) e um fragmento de ídolo-placa, em arenito, em fase de acabamento (LOC2 192), aqui identificados, assumem especial importância, por terem significativos paralelos com os que, com frequência, ocorrem em ambientes funerários megalíticos. Para além destes *habitats* com testemunhos materiais atribuíveis ao Neolítico Antigo e, provavelmente, ainda que com menor número de materiais, a momentos posteriores, mas ainda dentro do mesmo período pré-histórico, conhecem-se mais locais, tanto na zona do Reguengo, como por entre os afloramentos graníticos situados nas imediações da necrópole megalítica do Vale de Carreiras. Esta associação e interligação espacial voltam a colocar problemas até agora insolúveis e já detectados noutros locais, especialmente no Norte Alentejano.

MENIRES E ANTAS

Na área da Coudelaria, conhecem-se sete sepulturas

megalíticas. Pelo menos, três delas possuem menires, claramente fálicos, incluídos na sua estrutura. Ainda que com um número muito reduzido de datações disponíveis para os menires, das quais se destaca a data obtida para o Menir da Meada, situado em Castelo de Vide, que, em datas calibradas, a 2 sigmas, se situa entre 5010 – 4810 BC, parece ser hoje concordante existir alguma anterioridade dos menires em relação aos sepulcros megalíticos do tipo dólmen. Se aceitarmos essa anterioridade, a presença, que começa a ser hoje já recorrente, de menires no interior de estruturas funerárias dolménicas poderá ter, pelo menos, três explicações possíveis. A mais simplista dir-nos-ia que, devido a uma economia de recursos, os construtores de dólmenes recorreriam àquelas pedras já talhadas e aproveitavam-nas para a construção dos sepulcros. Uma segunda hipótese dir-nos-á que a inclusão dos menires se ficaria a dever a algum ritual que obrigaria os construtores de antas a remover os menires e a incluí-los na sua estrutura. Uma terceira hipótese dir-nos-ia que os dólmenes foram construídos no mesmo local onde se situava já anteriormente o menir, incluindo-o na sua estrutura e mantendo uma sacralização do espaço. De notar que em todos os monumentos funerários por nós escavados onde se registaram menires, estes apresentavam sinais rudes de corte, sobretudo em altura, por forma a poderem incorporar a estrutura funerária. Uma leitura simplista poderá dizer que as três teses poderão coexistir. Contudo, e independentemente da existência, ou não, de menires na estrutura construtiva dos dólmenes, está disponível, há já alguns anos, um conjunto de datas, consideradas demasiado antigas, recolhidas no interior de dólmenes do Norte Alentejano e “Ex-

tremadura” Espanhola, que se aproximam da data do Menir da Meada e, ao mesmo tempo, das datas em geral já disponíveis para *habitats* do Neolítico Antigo, remetendo-nos, em anos de calendário, para o V e por vezes inícios do VI milénio BC. De facto, já muitas explicações foram aventadas para minimizar o impacto que estas datas antigas teriam nas interpretações tradicionais para a origem do megalitismo funerário, que o remete sempre para momentos de um Neolítico médio e, principalmente, final. Na verdade, a maior parte das datas disponíveis para os dólmenes situa-se entre o IV e o III milénios, em anos de calendário, mas, igualmente, essas datas foram obtidas, maioritariamente, a partir de material ósseo. Contudo, é hoje totalmente aceite que estes sepulcros tiveram uma vida útil e funcional muito longa e com evidentes sinais de reutilizações, reabilitações e desenvolvimentos. Haverá que questionar, coisa que raramente foi feita, se as datações obtidas a partir de restos ósseos não datarão, sobretudo momentos finais de utilização e não o momento fundacional. Todos reconhecemos quão raro é encontrarem-se restos ósseos, passíveis de serem datados, localizados em terrenos xistosos, ou graníticos, terrenos que, pela sua acidez, destroem completamente a matéria orgânica. Provavelmente, teremos vindo, sucessivamente, a datar ossos de momentos finais de utilização destes sepulcros. Lembre-se aqui que as medições por radio-carbono datam o momento da morte do indivíduo e não o momento da tumulação. Recorde-se, também, que as datas mais antigas e consideradas anormais resultam, invariavelmente, de carvões que, por sistema, foram recolhidos na base dos monumentos ou sob as respectivas mamoas, quando bem conservadas.

Essas datações, porque iam contra as teorias aceites, foram sempre rejeitadas, considerando-se que se reportariam a episódios pré-megalíticos e, portanto, muito anteriores à construção dos sepulcros.

A inexistência de trabalhos em *habitats* do Neolítico mais antigo na mesma área onde se localizam os dólmenes com datas igualmente muito antigas, e a só recente disponibilização de datações absolutas para os contextos do Neolítico antigo terão contribuído para que não se tivessem esboçado propostas interpretativas de ligação directa entre dólmenes, menires e *habitats* das primeiras comunidades agropastoris. Os trabalhos que desenvolvemos na área da Coudeira parecem facilitar-nos essa possível relação, ainda que, e por agora, sustentados num conjunto restrito de elementos. Vejamos os paralelos possíveis de estabelecer entre os materiais recolhidos na Anta da Horta, situada a quinhentos metros do *habitat* da Porta do Tempo. No interior da câmara funerária, onde ocorreram diversos episódios de revisitação, identificaram-se nove fragmentos de cerâmica com decorações incisivas, impressas e aplicações plásticas, cujos motivos decorativos encontram paralelo directo nas cerâmicas do *Locus* da Toca da Raposa e *Locus* II do *habitat* da Porta do Tempo. Se os paralelos ocorressem nas cerâmicas do *habitat* do Reguengo, que se situa a cinquenta metros desta anta, sempre se poderia colocar a hipótese de ter havido contaminações por arraste. Contudo, a distância, ainda significativa, entre os dois locais inviabiliza essa possibilidade. Evidentes e expressivas são as semelhanças das cerâmicas da Anta da Horta, AH330, AH331, AH332, AH333, AH225, AH327, AH318, AH287 e AH293, com as cerâmicas da Toca da Raposa, TR325, TR560,

TR559, TR313, TR106, TR452 e TR211, entre tantos outros exemplos. Iguais semelhanças encontram-se no machado de corpo picotado AH185, recolhido na Anta da Horta, e no machado, igualmente de corpo picotado TR24, recolhido na Toca da Raposa. Mas os exemplos mais significativos foram identificados no *Locus* II da Porta do Tempo. Neste pequeno abrigo, no nível de base, onde ocorrem, especificamente, cerâmicas decoradas, restos de talhe e indústria lamelar, recolheu-se um pendente em rocha verde, L C2 35. Nas cotas mais superficiais deste abrigo, em terras de arraste, identificou-se um fragmento do que parece ser um ídolo-placa, de arenito, em fase de acabamento (LOC2 192). Pelos exemplos apontados, parece existirem demasiadas semelhanças entre os materiais da câmara da Anta da Horta e os materiais, claramente do Neolítico Antigo, do *habitat* da Porta do Tempo, para não podermos estabelecer estreitas relações entre os utilizadores do *habitat* e os construtores, ou os primeiros tumulados deste dólmen. Se, para esta anta, temos evidentes relações, através dos conjuntos artefactuais, com evidências atribuíveis a momentos muito recuados do Neolítico, na Anta da Soalheira, na da Várzea Grande e na n.º2 de Vale de Carreiras, estão presentes, nas respectivas estruturas tumulares, menires fálicos, que nos reportam igualmente para momentos recuados do Neolítico. Perante estas realidades, teremos que colocar a questão: em que momento foram construídos os sepulcros megalíticos de que temos vindo a tratar? Seguramente que em momento posterior à fase da erecção de menires. Mas se encontramos materiais, maioritariamente cerâmicos, atribuídos ao Neolítico Antigo no interior dos dólmenes, onde posicionar a fase dos menires? A fase

“menírica” não poderá ser muito recuada, em relação à emergência dos dólmenes, porque as datas obtidas a partir de carvões, recolhidos na base de antas e sob as suas mamoadas, como Castelhanas, Cabeçuda e Figueira Branca, em Marvão, e mesmo a da Joaninha, em Cedillo, posicionam-se dentro das balizas cronométricas já disponíveis para os *habitats* do Neolítico Antigo, o mesmo acontecendo com a data do Menir da Meada. Suportados nestes dados, teremos que aceitar que a moda de erecção de menires foi relativamente curta, sendo rapidamente absorvidos nos sepulcros megalíticos. A fase de erecção de menires deverá ter sido muito efémera, ou, então, a explicação para as datas muito antigas nas antas e a presença de cerâmicas do Neolítico Antigo no seu interior deverá ter outra explicação. A tese das trasladações, defendida por Leonor Rocha (Rocha, 2005), seguramente que faz todo o sentido, num contexto lato, contudo não responde ao problema das datas antigas obtidas sob as mamoadas. Em textos anteriores e com base em evidências claras, demonstrámos que alguns dos dólmenes estudados no Nordeste Alentejano foram construídos sobre *habitats* anteriores, onde ocorriam lareiras e silos (Oliveira, 1997 e 1998). Contudo, nos monumentos agora estudados tal situação não foi detectada, encontrando-se os sítios de *habitat* bem definidos, nas imediações dos dólmenes.

Ainda que sem dados totalmente conclusivos, porque muito trabalho ainda está por fazer, e muitas questões por responder, pensamos, contudo, que já existem demasiadas evidências para rejeitarmos a hipótese de considerarmos que os construtores destes dólmenes foram os mesmos que elegeram os afloramentos da Toca da Raposa ou a Pedra da Águia para

aí construírem os seus abrigos, enquanto ensaiavam as primeiras técnicas agrícolas e aprendiam a conduzir rebanhos, entre o VI e o V milénios BC. O maior problema coloca-se quanto ao posicionamento relativo para a emergência dos menires. Se, de facto, eles já preexistiam ao tempo da construção dos primeiros dólmenes, então, durante o Neolítico Antigo teremos que encontrar, pelo menos, duas fases. Uma mais antiga, durante a qual se ergueram menires e, posteriormente, uma fase de construção de sepulcros megalíticos que incorpora menires na sua estrutura funerária. A alternativa a esta interpretação poderá ser equacionada se se vier a definir, um dia, com precisão, o que se entende por Neolítico Médio. Para reequacionar toda esta problemática, há necessidade de alargar as áreas de escavação dos *habitats* e, sobretudo, procurar encontrar matéria datável para nos ajudar a esclarecer, com precisão, a periodização do Neolítico, no interior alentejano.

NAS IDADES DOS METAIS

Mas, quer a Anta da Horta, quer a Anta da Soalheira tiveram uma vida útil e funcional, enquanto espaço de tumulação, excepcionalmente longas. O evidente prolongamento do corredor da Anta da Soalheira, com inflexão de 20 graus para Sul, enquanto que o tramo inicial apresenta um desvio para o mesmo lado de apenas 8 graus, indicia, nitidamente, que, nos finais do Neolítico, ou mesmo já durante o Calcolítico, houve necessidade de prolongar o espaço funerário desta anta, com recurso a esteios de menor dimensão, mas obedecendo às novas normas de orientação de corredores, entretanto adoptadas e que implicavam

um acentuado desvio para Sul. Na Anta da Horta, do espantoso depósito votivo identificado na zona terminal do corredor, ou já fora dele, num provável átrio, associado a abundantes ídolos-placa de arenito e xisto com expressivas figurações antropomórficas e outras placas que, por agora, não se lhes conhece paralelos, recolheu-se um fragmento de cabeça de alfinete canelada, em osso, idêntica às recolhidas em ambientes do Neolítico Final ou mesmo já do Calcolítico da Estremadura. O expressivo e aparatoso depósito de oferendas, que implicou a remoção de um crânio e de um calcâneo do interior da câmara, para enfatizar toda a encenação, terá ocorrido já durante o Neolítico Final, senão mesmo no Calcolítico. Verificasse, assim, uma vida útil destes monumentos, enquanto espaços funerários, desde, os VI / V milénios e meados do III milénio BC. Durante estes milhares de anos, na Anta da Horta, processou-se uma tumulação, que foi submetida a datação. Foi acompanhada de dois ídolos-placa, em xisto, ambos com decoração geométrica, sendo que um, o AH154, apresenta recorte antropomórfico, enquanto que o outro, AH400, apresenta uma forma sub-rectangular. A data obtida para este enterramento, calibrada a 2 sigmas, posiciona-se entre 2930 e 2860 BC.

Mas a utilização das antas da Coudelaria, já não como espaços funerários, continuou ao longo do tempo. Na Anta da Soalheira, durante o domínio romano, ou já nos finais deste, o espaço interno da câmara funerária é transformado em abrigo, no qual se estrutura uma lareira, múltiplas vezes refeita, com a conseqüente destruição dos depósitos funerários neolíticos e de grande parte da estrutura funerária. O abandono deste espaço como abrigo terá ocorrido

já muito tardiamente, atendendo a que, nos níveis superiores, por entre terra muito humosa, ainda se identificaram fragmentos de faiança. Situação semelhante terá ocorrido na Anta da Horta. Após a deposição votiva no corredor, ocorrida nos fins do Neolítico ou já no Calcolítico, terá um longo hiato na sua utilização. Fragmentos de tijoleira romana, faianças e uma medalha de bronze, com a representação de S. Bento, foram identificados, nas terras superficiais do monumento, sob um dos esteios tombados da câmara. Na Anta da Várzea Grande, profundamente violada em diversos tempos, uma datação de radiocarbono efectuada sobre um dente de equino posiciona essa ocorrência no século XVII AD. Recorde-se que o estabelecimento da Coudelaria só ocorreu em 1748, o que nos mostra, como é natural, que, pelo menos, cem anos antes, os cavalos já por aqui seriam frequentes. Na área da Coudelaria, até agora, os testemunhos calcolíticos apenas parece estarem presentes no depósito votivo identificado no corredor da Anta da Horta e, ainda que não muito esclarecedoras, algumas cerâmicas dos níveis superficiais do *habitat* da Porta do Tempo poderão apontar para esse período. Contudo, e de acordo com o estudo paleoambiental, elaborado por David Duque e que se apresenta em anexo, os efeitos antrópicos na paisagem da Coudelaria, durante o III milénio a.C., terá sido assinalável. As alterações no coberto vegetal denotam uma presença significativa da pressão humana, com redução drástica de algumas espécies e a substituição por outras, indicando actividades agrícolas significativas. Embora os estudos paleoambientais nos mostrem uma forte antropização no III milénio a.C., os testemunhos de *habitats*, nitidamente calcolíticos, parecem estar

ausentes no interior da Coudelaria. Testemunhos da Idade do Bronze e da Idade do Ferro também não se conhecem no interior dos limites da Coudelaria. A parte inferior de um grande vaso, cujo bordo já não chegou até nós, recolhido em zona violada do corredor da Anta da Soalheira, poderá ser o único testemunho atribuível à Idade do Bronze. Nesta zona do Alentejo, os *habitats* das comunidades metalúrgicas ocorrem, maioritariamente, no topo de colinas, com boas defesas naturais e ampla visibilidade, características orográficas que não se verificam no interior desta ampla propriedade. Contudo, não muito distante, nos cabeços, insuficientemente prospectados, de S. Miguel, Alter Pedroso e sobretudo no de S. Lourenço, que delimitam o anfiteatro da Coudelaria a nascente, pelas suas características morfológicas poderão ter acolhido povoados das sociedades metalúrgicas. De notar que, na cumeada do cabeço de S. Lourenço, por entre o denso coberto vegetal, parece desenhar-se uma cintura de muralhas, justificando plenamente uma prospecção cuidada desta colina. No sopé deste cerro, para poente, localizam-se quatro antas, uma das quais também denominada de Soalheira. (Leisner & Leisner, 1959) Esta anta, hoje desaparecida, terá sido destruída durante uma plantação de eucaliptos, ocorrida nos finais da década de setenta.

DA ROMANIZAÇÃO A 1748

Se os testemunhos das Idades dos Metais não ocorrem na área da Coudelaria, a presença romana também não é muito significativa. Para além do abrigo improvisado no interior da Anta da Horta, onde ocorreram fragmentos de materiais de construção romanos,

guardou-se, até há poucos anos, no edifício das Casas Altas da Coudelaria, uma ara votiva em granito (Encarnação, 1984). Segundo nos informaram, esta ara encontra-se hoje guardada na Câmara Municipal de Alter”, desconhecendo-se a sua exacta proveniência. Contudo, Manuel dos Santos Barreto e outros, no seu artigo intitulado “Arqueologia Romana do Concelho de Alter”, informam-nos que a referida ara “provém de um sítio próximo chamado Reguengo” (Barreto, 1978: 282). Desconhecemos onde estes autores terão obtido esta informação, contudo, na área do Reguengo, tanto no interior da Coudelaria, como fora, não identificámos vestígios romanos que justificassem a presença desta ara. Parece-nos mais seguro que a sua recolha tivesse ocorrido no Ferragial d’el Rei, situado na área da vila de Alter do Chão, em propriedade da Coudelaria, assim se justificando a sua deslocação para as instalações centrais desta instituição. Outra hipótese para a possível origem desta ara seria a Casa da Aveleda, importante sítio arqueológico romano, situado paredes-meias com o limite sul da Coudelaria. Se, na área da Coudelaria, os testemunhos romanos são muito reduzidos, já os vestígios da Alta Idade Média estão bem presentes, registados através das várias sepulturas escavadas na rocha. Este tipo de sepulcros, bem documentados em toda a Península Ibérica, mas insuficientemente estudados, parecem balizar-se, maioritariamente, entre o século VI e a Reconquista Cristã. No Norte Alentejano, estas sepulturas ocorrem, geralmente, associadas a pequenos núcleos urbanos, com casas de planta quadrangular, construídas em pedra, sem recurso a argamassas. No lapso de tempo em que são posicionáveis, chegam a esta zona da Península povos com origens diversas, continentais, mediterrânicos e norte africanos. Trata-se

de um dos períodos históricos menos estudados, especialmente, no que se reporta ao espaço rural, impossibilitando-nos de aventarmos qualquer origem cultural que as explique. No concelho de Marvão, Afonso do Paço, ao escavar o Povoado do Monte Velho, na freguesia da Beirã, onde ocorrem várias dezenas de sepulturas escavadas na rocha, incluídas numa ampla zona de *habitat*, recolheu uma telha, na qual estava gravada a mensagem (H)IC PAX (H)IC C(H)RIST(VS) - Aqui esteja a paz, aqui esteja Cristo. Segundo Afonso do Paço, esta inscrição deverá balizar-se entre os séculos VI e o VIII (Paço, 1949). Se quisermos estabelecer um paralelo com a necrópole da Coudelaria, poderíamos dizer que, pela mesma altura, sobretudo na área do Reguengo, provavelmente no mesmo local onde se veio a constituir a aldeia com o mesmo nome e hoje desaparecida, terá existido uma comunidade que tumulava os seus mortos em sepulcros escavados nos afloramentos graníticos. Estes sepulcros que implicam um forte investimento na morte, seguramente que não eram generalizáveis a todos os membros da comunidade. Pelo investimento que implicava a realização deste tipo de túmulos, a eles apenas teria acesso uma elite da sociedade. Contudo, essa selecção não tinha em conta a idade do defunto, considerando que, no afloramento da sepultura 3, se identificou um sarcófago de criança, à semelhança do que ocorre noutros locais. Reconhece-se, também, que, nos preceitos funerários que existiriam entre estas comunidades que assim tumulavam, não terá existido qualquer norma que obrigasse, como é comum a tantas e diversas culturas, a uma orientação regulamentar dos sarcófagos. Os túmulos orientam-se das formas mais díspares, procurando, acima de tudo, utilizar a superfície mais regular do afloramento onde se inscrevem.

Uma moeda em prata, de Abderramão II, da dinastia Omíada, datável do século IX, cunhada em Córdova, foi por nós encontrada nas terras superficiais do *habitat* neolítico da Toca da Raposa. Esta moeda, tal como qualquer moeda encontrada fora de contexto, não nos permite tecer grandes considerações culturais, contudo, e por se tratar de espécime muito raro, nesta como noutras regiões, poder-nos-á permitir levantar a hipótese de que alguém com suficiente poder económico, em vésperas da constituição do Califado de Córdova, por aqui passou e se terá abrigado num acolhedor nicho da Toca da Raposa, onde terá perdido tão valiosa peça. Tempos depois, quando a memória funerária das sepulturas escavadas na rocha já se havia perdido, provavelmente nos finais da Idade Média, dois destes túmulos da zona do Reguengo foram reutilizados como lagares. Nas sepulturas 1 e 2, a superfície adjacente no afloramento, foi rebaixada, formando um amplo, mas pouco profundo receptáculo que, através de canais abertos na pedra, encaminhava o conteúdo da área de prensagem para o interior da sepultura, funcionando esta como tanque principal. O sistema de canais da sepultura 1 é muito mais elaborado, reconhecendo-se, no final de um deles, um entalhe aberto na rocha, destinado a facilitar a recolha dos resíduos, após a prensagem. No limite dos afloramentos onde se moldaram os lagares, registaram-se estruturas de combustão. No interior da lareira anexa à sepultura 1, preservava-se, *in situ*, ainda que apresentando múltiplas fracturas, a parte inferior de um pote em cerâmica. A face interior apresenta-se ainda com claros sinais de gordura, o que dificultou a sua estabilização primária. As terras envolventes da lareira, onde abundavam muitas cinzas, foram submetidas a análise, tentando-se identificar

alguma partícula que nos indicasse que frutos seriam transformados neste lagar. As altas temperaturas que a lareira atingiu não possibilitam a preservação de qualquer amostra que nos esclarecesse o fim a que se destinavam estes lagares. Pela gordura acumulada no pote recolhido junto à sepultura 1, poderemos afirmar que se destinariam à produção de azeite, não sendo, de excluir, igualmente, a produção de vinho. A presença da lareira e do pote, como partes integrantes do processo de transformação, reforçam a possibilidade de se destinarem, essencialmente, à produção de azeite, sendo fundamentais para separar este produto das vulgarmente denominadas águas russas. A existência destes lagares artesanais, com fraca capacidade produtiva, em espaço rural, maioritariamente atribuídos aos finais da Idade Média e Idade Moderna, igualmente conhecidos noutros locais, poderá estar directamente relacionada com a fuga ao pagamento do dízimo, devido por esta actividade. Reconheçamos que, desde a chegada dos romanos, foram introduzidas novas formas de produção de azeite, muito mais expeditas e produtivas do que a tecnologia reconhecida nestes lagares, que muito se aproxima da que se identifica em ambientes da Idade do Ferro. Mas a presença destes lagares, atribuíveis à Idade Média, permite-nos afirmar que, pelo menos, a zona do Reguengo manteve presença humana, durante esse período. Terá sido, igualmente, por essa altura que o pequeno povoado que remontaria à Alta Idade Média se começa a estruturar num núcleo urbano com maior dimensão, permitindo constituir-se, pouco tempo depois, como paróquia autónoma. Se as nossas deduções estiverem correctas, terá sido por ordem de D. Pedro I que se terá erguido no Reguengo, propriedade régia desde a Reconquista, a Igreja de S. Bartolomeu. A

presença deste rei na vila de Alter está suficientemente comprovada, tal como em várias outras povoações do Norte do Alentejo, vindo a falecer, em Estremoz, em 1367.

O mais antigo Registo Paroquial da Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo, conservado no Arquivo Distrital de Portalegre, reporta-se a um baptismo realizado a 8 de Setembro de 1612. Observando os livros de registo de óbitos relativos a esta freguesia, provavelmente aquele que melhor nos poderá informar sobre a flutuação demográfica, nota-se que terá havido um ligeiro aumento populacional na altura da instalação da Coudelaria. Dez anos depois, em 1758, segundo o pároco desta freguesia, Manuel Martins Tavares, existiriam na área da sua paróquia “noventa e três pessoas de sacramento”. Adjacente à povoação de S. Bartolomeu do Reguengo, situa-se a Coutada do Arneiro, onde se veio a instalar, em 1748, por vontade de D. João V, a Coudelaria de Alter. Sobre o processo de instalação, da titularidade da propriedade e dos conflitos com as gentes de Alter do Chão e de todos os episódios por que passou a mais antiga coudelaria do mundo, torna-se obrigatório ler o que copiosamente escreveram Ruy d’Andrade e Joaquim Tiago Ferreira e se encontra publicado, a partir do primeiro número do *Boletim Pecuário*, editado 1947, com o título “Elementos para a História da Coudelaria de Alter”.

Do que parece não restarem dúvidas é que a área onde hoje pastam os Cavalos de Alter foi a mesma que as mais antigas comunidades de pastores e agricultores escolheram para aí apascentarem os seus rebanhos e lançarem as primeiras sementes à terra, rumo a uma economia de produção e a uma sedentarização efectiva.

4 BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Rui & FERREIRA, Joaquim Tiago (1947); “Elementos para a História da Coudelaria de Alter”, *Boletim Pecuário*, nº 1, Lisboa.
- ATTWATER, Donald (1983); *Dicionário de Santos*, Publicações Europa-América.
- BARRETO, Manuel dos S. et alii (1978); “Arqueologia Romana do Concelho de Alter do Chão”, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, AAP, Lisboa.
- CALADO, Rafael Salinas (1944); *Alter do Chão - Uma das vilas mais interessantes do Alentejo*, Imprensa Lucas.
- CARDOSO, P. Luiz (1751); *Diccionario Geografico ou Notícia Histórica ...*, Tomo II, Lisboa.
- DINIZ, Mariana (2001); “O sítio neolítico da Valada do Mato, Évora: problemas e perspectivas”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 1, IPA, Lisboa.
- DINIZ, Mariana (2001); “Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico Antigo da Valada do Mato, Évora”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, IPA, Lisboa.
- DUQUE, David (2005); “Resultados antracológicos de los yacimientos de la Coudelaria de Alter do Chão y su integración en las secuencias paleoecológicas y paleoambientales de la Prehistoria reciente del Suroeste peninsular”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, n.º 1, IPA, Lisboa.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (1984); *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Instituto de Arqueología de Coimbra, Coimbra.
- FALCÃO, José António; PEREIRA, Fernando António Baptista (1996); *A Imagem Gótica da Igreja de São Bartolomeu da Serra (Santiago do Cacém)*, Beja, Dep. do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, Beja.
- GONÇALVES, Victor S. (2002); “Lugares de Povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002”, *Revista Portuguesa de Ar-*

queologia, vol. 5, n.º 2, IPA, Lisboa.

INÁCIO, Ana Calado (1992); “O actual Concelho de Alter do Chão nas Memórias Paroquiais de 1758”, *A Cidade - Revista Cultural de Portalegre*, n.º 7 (Nova Série).

KEIL, Luís (1943); *Inventário Artístico - Distrito de Portalegre*, Academia Nacional de Belas-Artes.

LEISNER, Georg & Vera (1959); *Die Megalithgraber Iberischen Albinsel, Der Westen*, Berlin.

OLIVEIRA, Clara (2000); *Relatório do Trabalho de Prospecção Arqueológica na Coudelaria de Alter, Abril/Junho* (estudo inédito policopiado).

OLIVEIRA, Jorge de (1997); (Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever), ed. especial da *Ibn Maruán*, Lisboa.

OLIVEIRA, Jorge de (2001); “O Megalitismo de Xisto da Bacia do Sever Montalvão - Cedillo”, *Muitas antas pouca gente ?*, *Trabalhos de Arqueologia* 16, IPA, Lisboa.

232 OLIVEIRA, Jorge de (2001); “Continuidade e Rupturas do Megalitismo do Distrito de Portalegre”, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. III, ADECAP, Porto.

PAÇO, Afonso do (1949); “Inscrição Cristã do Monte Velho (Beirã-Marvão)”, *Brotéria*, vol. XLIX, Lisboa.

RÉAU, Louis (1958); *Iconographie de L'Art Chrétien. Iconographie des Saints*, Paris, Press Universitaires de France, Paris.

RIBEIRO, Teresa Casquilho (1998); *O Município de Alter do Chão nos finais do séc. XVIII*, Palimage Editores, Lisboa.

ROCHA, Leonor (2005); *Estudo do Megalitismo Funerário no Alentejo Central - a contribuição de Manuel Heleno*, Dissertação de Doutoramento, ed. policopiada.

TAVARES, José Campos (1990); *Dicionário de Santos*, Lello & Irmão, Porto.



5 ANEXOS

DOCUMENTOS

S. Bartholomeu

Freguesia da Provincia do Alentejo, Bispado de Elvas, Comarca de Villa-Viçosa, Termo da Villa de Alter do Chão: tem trinta e três fogos: está situada em campina. Os freguezes tem suas habitações a mayor parte delles em terras de Reguengo, e Almojarifado da Casa de Bragança. Descobre-se desta Freguesia, e seus limites, a Cidade de Portalegre, a Villa do Crato, a Villa da Chancellaria, a Villa de Aviz, e a Villa de Seda.

A Igreja Paroquial de huma só nave tem por Orago S. Bartholomeu: há nella tres Altares, o principal do Orago, os dous collateraes hum de Nossa Senhora das Candeas, e outro do Menino Jesus. Tem huma Ermida de S. Bento, a que acodem alguns romeiros com suas offertas: dia de S. Bartholomeu concorre muita gente de varias terras a este Santo, que a livra de accidentes, e assombramentos, offertando muitos seus folgos vivos. O Paroco he Cura, apresentando de Ordinario:

tem de congrua dous moyos de trigo. Os frutos, que aqui se cultivão em mayor abundancia são trigo, favas, feijoens pretos, e meloens. Os moradores vivem de suas lavouras huns, e outros de cultivar alumas hortas, que regão duas fontes, que correm todo o ano; as aguas dellas são as melhores, que há por estes sitios: tem os moradores que habitão no dstricto do Reguengo, o privilegio dos Reguengueiros, por serem obrigados a pagar à Casa de Bragança oitavos, e tornas, cujas pensoens se cobrão pelo Almojarifado da Villa de Alter do Chão, a cujas Justiças estão sujeitos. Era esta Freguesia antigamente sujeita à Matriz de Alter do Chão: hoje he Freguesia sobre si; e se diz por tradição, que os moradores pedirão ao Ordinario, que querião ter Paroco, a que elles mesmos pagassem, o qual lho concedeu; porém, como cousa antiga, não se sabe o anno em que se separou da Igreja de Alter do Chão.

Freguezia de São Bertolomeu do Reguengo, termo de Alter

Em a provincia do [Ale]ntejo no termo da villa de Alter do Cham comarca de villa Visosa está huma freguezia. Apresenta o ordinario antigamente os freguezes. Tem noventa e três pessoas de sacramento. A parte do Poente hé de tapadas com oliveiras e azinheiras e hortas, ao Nascente de largo limpo descobre-se desta parte do Bispado de Portalegre, a villa do Crato do Priorado, terras do Bispado da Guarda parte do Arcebispado de Lixboa, e de Evora. Não tem termo. O seu orago hé o Apostolo Sam Bartholomeu. Tem dous altares colaterais, hum dedicado a Nossa Senhora das Candeias outro ao Menino Deos. Não tem irmandades. Tem titulo de cura os freguezes hé que pagam algum dia heram dois moios hoje pella deminiuisam dos freguezes sam noventa e seis alqueires. Não tem beneficiados, nem conventos, nem hospital, nem caza da Mizericordia nem hermidas. No dia do santo hé vesitado de alguns sugeitos, mas cada ano com mais demenuisam. Os frutos que recolhem hé tri-

go e algum senteio. Não tem juís, estam os moradores sujeitos ao juís da dita villa, e ao Ouvidor da comarca. Não hé couto. Não há memoria que desta florescessem sujeitos insignes, nem pella dita se ordenasse ou fosse frade, ao prezente tem hum sojeito com ordens menores. Não tem feira, nem correio. Dista sete legoas da capital nobre, e leal cidade de Elvas, e trinta da sempre leal e fidelissima cidade de lixboa. Tem privilegios concedidos pello Senhor Duque Dom João aos seus reguengueiros, os quais lhe não guardam. Não tem fonte, lagoa de que haja de fazer memoria. Não hé porto de mar, nem [fortificação] murada. Não padeseo ruinas. Não tem serras nem rio memoravel nem mais de que possa responder ao que me procuram e por verdade me asigno. Alter do Cham 19 de Maio de 1758.

Humilde e indigno subdito de Vossa Excellencia Illustrissima.

Ass.) Padre Manoel Martins Tavares

ANTT - *Memórias Paroquiais*, vol. 31, memória 52, fls. 301 - 302

Citado de:

Inácio, Ana Calado; "O actual Concelho de Alter do Chão nas Memórias Paroquiais de 1758", *A Cidade - Revista Cultural de Portalegre*, n.º 7, 1992, Portalegre.

Igreja Paroquial do Reguengo

Fica situada a três quilómetros da vila de Alter-do-Chão, junto à Coudelaria Nacional.

Não possui interesse algum. É da mais humilde construção rural do Alto Alentejo. Apresenta um pórtico simples de volta redonda, com sineira à esquerda.

Conserva a imagem de S. Bento, em pedra, do século XV (alt. 0,60) e a Virgem com o Menino (alt. 1,15), muito desfigurada mas possivelmente ainda daquele século.

O edifício está muito abandonado.

Keil, Luis, Inventário Artístico – Distrito de Portalegre, Academia Nacional de Belas Artes. Lisboa, 1943.

Antiguidades de Alter do Chão

NUM MANUSCRITO ANÓNIMO DA 2.ª METADE DO SÉCULO XVII

No termo da Vila de Alter do Chão se acham vários edifícios dos antigos; como são, uma anta no Reguengo nos montes Morenos e outra na Coutada do Arneiro, outra em uma azinhaga chamada do Pereiro, outra na cabeça chã em uma Courela chamada da antinha, outra às Torrejonas em uma Courela que chamam da Capela, outra à Cabeça da Azinheira em uma Courela da Fábrica; no Mato de Alter se acham também duas uma no Vale de João Soares, outra no Vale do Borrvalho encontra-se mais vários edifícios no termo da dita Vila como são na cabeça d'El Rei muitos vestígios de casas donde se têm tirado várias pedras de cantaria, e descoberto alicerces de monumentos sumptuosos, mais da mesma sorte se têm descoberto no sítio chamado Outeiro do Clarinho ao Caminho da Mó, e na Ribeira de Alter haverá três anos achou um pastor, que se chama Manuel Roiz um grande pedaço de vaso na Courela chamada da Retorta, donde também se têm descoberto vários vestígios antigos, na Casa da Avelada, é comum ver-se conti-

nuamente os mesmos vestígios, e haverá dois anos indo lavrando um homem chamado Luís Silva achou por descobrimento do arado quantidade de moedas de prata, cujas vendeu em Portalegre a um ourives por 2000 mil Réis. E no Termo da mesma Vila junto à Ribeira de Seda se acha um sítio chamado o Castelo Velho donde se descobrem vários vestígios de antigos Conventos. Se admira nas Constituições dos Clérigos da Matriz da mesma Vila se acha uma notícia que diz que a tal Vila se chamava a Cidade de Altereri, cuja chegava donde hoje chamam Alter Pedroso, e à Casa da Aveleda, e cuja dividia um Rio que lhe passava pelo meio cujo sítio chamam hoje Rio do Espírito Santo, e como de facto em se cavando no tal sítio se descobrem muitas águas.

DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE ÓBITOS POR ANO, SEXO E IDADE NOS LIVROS DE ÓBITOS DA IGREJA DE S. BARTOLOMEU DO REGUENGO

1613 - 1839

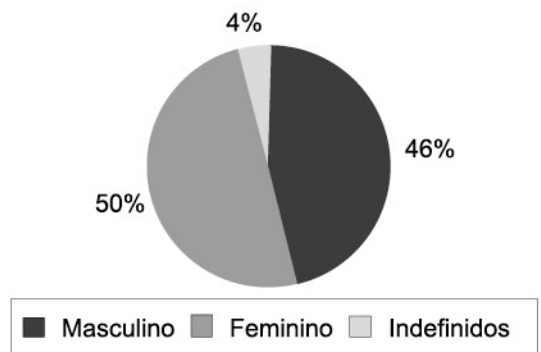
ANO	TOTAL	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas	Crianças	Indefinid.
1613	4		2		2		
1614	1	1					
1615	1					1	
1616	4		1	3			
1617	5		4		1		
1618	8	2	2	1	3		
1619	7		1	1	3	2	
1620	4			2		1	1
1621	1		1				
1622	1		1				
1623							
1624	1	1					
1625	3		3				
1626	22	1	4	11	5		1
1627							
1628							
1629	2			2			
1630	2		1		1		
1631	3			2	1		
1632	3		1		2		
1633	6	2	2	1	1		
1634	3		1	1	1		
1635							
1636	4		1				3
1637							
1638	1		1				
1639	4	2			1		1
1640							
1641	8	2	5				1
1642	1						1
1643							
1644	5		2				3
1645							
1646	1						1
1647	3	2	1				
1648	4	1	2				1
1649							
1650	1						1
1651	2	2					
1652							
1653	1						1
1654							
1655							
1656	2	1	1				
1657	2	1			1		
1658							
1659							
1660	3	2			1		
1661		1					
1662	7	2	2	3			
1663							
1664	1	1					
1665	3	1			2		
1666	2	1	1				
1667	5	3	1			1	
1668							
1669							

ANO	TOTAL	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas	Crianças	Indefinid.
1670							
1671							1
1672	2	1				1	
1673							
1674							
1675	1	1					
1676	1	1					
1677	1		1				
1678							
1679	2	1	1				
1680	2	1	1				
1681	2	1	1				
1682	3	1	1			1	
1683	6	1	4	1			1
1684	5	1	3		1		
1685	8	2	5				1
1686	1						1
1687							
1688	5		2				3
1689							
1690	1						1
1691	3	2	1				
1692	4	1	2				1
1693	1						1
1694	2	2					
1695							
1696	1						1
1697							
1698							
1699	2	1	1				
1700	2	1			1		
1701							
1702							
1703	3	2			1		
1704		1					
1705	7	2	2	3			
1706							
1707	1	1					
1708	3	1			2		
1709	2	1	1				
1710	5	3	1			1	
1711							
1712							
1713							
1714							1
1715	2	1				1	
1716							
1717							
1718							
1719	1	1					
1720	4		2		2		
1721	7	4	1	1		1	
1722	3	1	1	1			
1723	3		1		2		
1724							
1725	2		1	1			
1726	1	1					

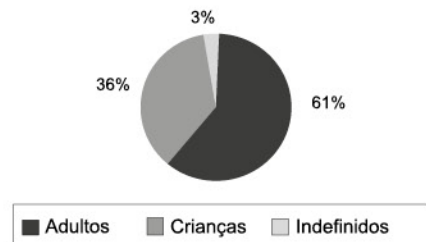
ANO	TOTAL	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas	Crianças	Indefinid.
1727	2	1	1				
1728	6		4	2			
1729	5	3	1	1			
1730	8	2	2		4		
1731	7	1	1	2	3		
1732	8	2	3	1	2		
1733	5		2	3			
1734	4	2	1		1		
1735	5	1	2		2		
1736	4	1		1	2		
1737							
1738	2	2					
1739	3	2	1				
1740							
1741							
1742	1		1				
1743	2		2				
1744	2		2				
1745	1	1					
1746	1		1				
1747	7	2	1	3		1	
1748	2	1	1				
1749	3	1	1	1			
1750	3	1		2			
1751	2		2				
1752	6	2	1	1	2		
1753	3	3					
1754	2		2				
1755	4		3	1			
1756	3	2	1				
1757	2			2			
1758	3		2		1		
1759	5		3	1	1		
1760	2	1	1				
1761	3	1	1	1			
1762	6	1	1	1	3		
1763	5	2	2	1			
1764	1			1			
1765	4	1	3				
1766	1	1					
1767	2	1	1				
1768	4	2	2				
1769	3	2		1			
1770	2	1	1				
1771	8	3	2	2	1		
1772	5	1	3	1			
1773	2	1			1		
1774	2	2					
1775							
1776	5	2	1	1	1		
1777	3		1	2			
1778	3	2	1				
1779	2	1		1			
1780	1	1					
1781	2			1	1		
1782	1			1			
1783							

ANO	TOTAL	Homens	Mulheres	Meninos	Meninas	Crianças	Indefinid.
1784	2	1	1				
1785	4		1	2	1		
1786	4	2	1		1		
1787	2			1	1		
1788	1	1					
1789	2	1	1				
1790	7	2	1	3		1	
1791	1		1				
1792	1			1			
1793	1	1					
1794	1		1				
1795	6	2		1	3		
1796	3	1			2		
1797	3			2	1		
1798	1	1					
1799	2	1		1			
1800	2	1		1			
1801	2		1		1		
1802	2		1		1		
1803							
1804							
1805							
1806							
1807							
1808							
1809							
1810							
1811							
1812	9	2	3	3	1		
1813	4	2	1	1			
1814	1	1					
1815							
1816	2	2					
1817	1				1		
1818	3		1	2			
1819	1	1					
1820	1		1				
1821							
1822							
1823	2	2					
1824	3		2	1			
1825							
1826	3	1	1		1		
1827	1			1			
1828	3	1	1	1			
1829	1	1					
1830	3	1	1		1		
1831	8		3	2	3		
1832	5	1	1	2	1		
1833	5		1	3	1		
1834	1	1					
1835							
1836	2	1	1				
1837	1		1				
1838							
1839	1				1		
Totais	557	155	188	104	86	8	16

% de óbidos por Sexo



% de óbidos por Grupo Etário













Monumento a D. João V – Fundador da Coudelaria de Alter



Vista geral da Coudelaria tirada de nascente





IV



Anta 2 de Vale de Carreiras



Anta 3 de Vale de Carreiras



Anta 4 de Vale de Carreiras



Vista geral do corredor da Anta da Soalheira



Montagem de esteio da Anta da Soalheira



Colagem de esteio da Anta da Soalheira





VIII

Depósito de ídolos-placa - Anta da Horta



Anta da Horta – Quadrado O10



Ninho de ídolos-placa - Anta da Horta



Desenho de ídolos-placa *in situ* - Anta da Horta



Pedra da Água – *Habitat* do Reguengo

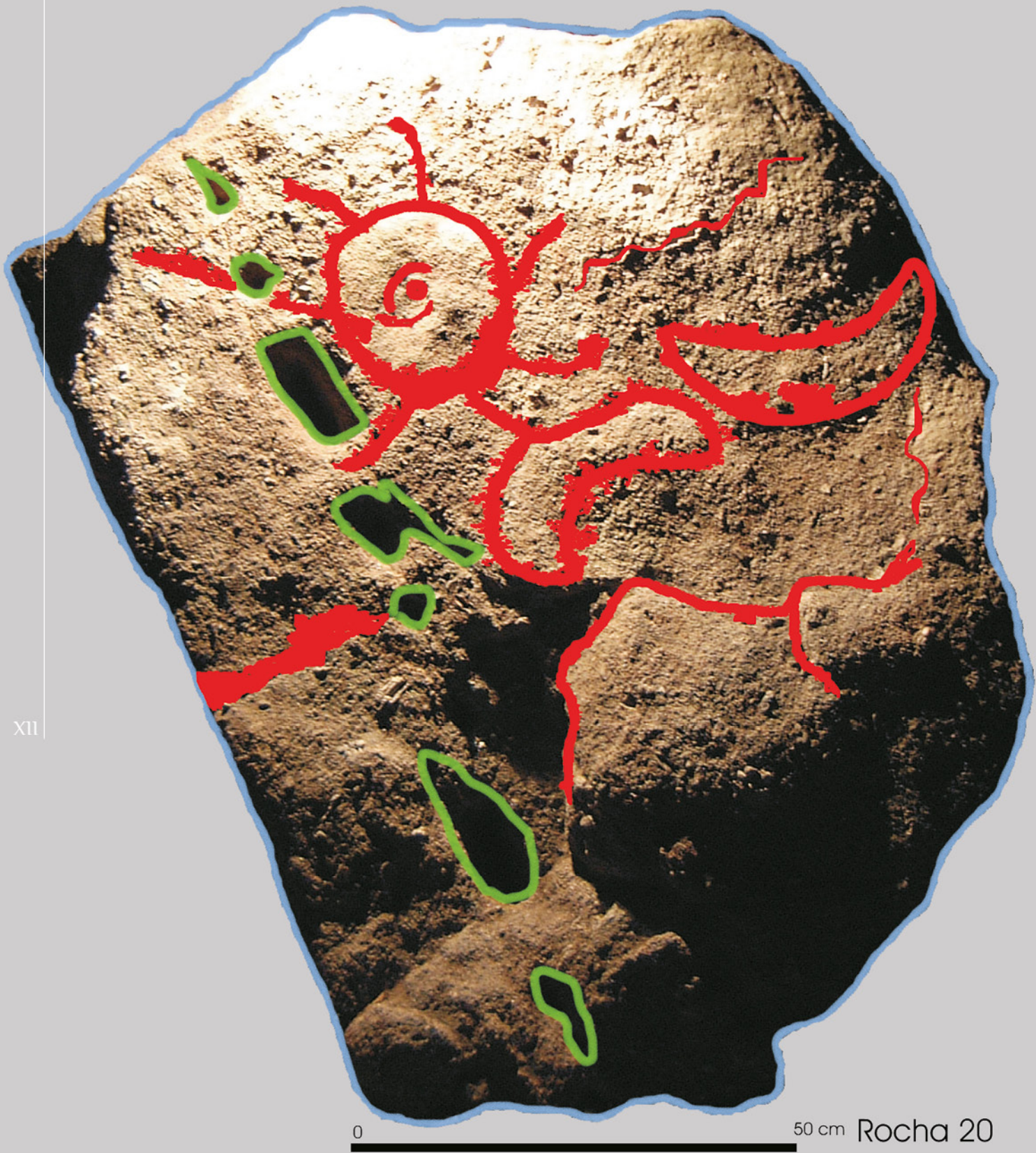


Escavação de um dos fornos no *Habitat* do Reguengo



Habitat do Reguengo





XII

0

50 cm Rocha 20



Habitat da Toca da Raposa - Nascer do Sol



XIII

Habitat da Toca da Raposa



Vista geral da Sepultura III tirada de norte



Recolha de talha - Sepultura I



Igreja de S. Bartolomeu do Reguengo



Cerimônia de reconsecração da Igreja de S. Bartolomeu







OLhos de Deusa - Anta da Horta



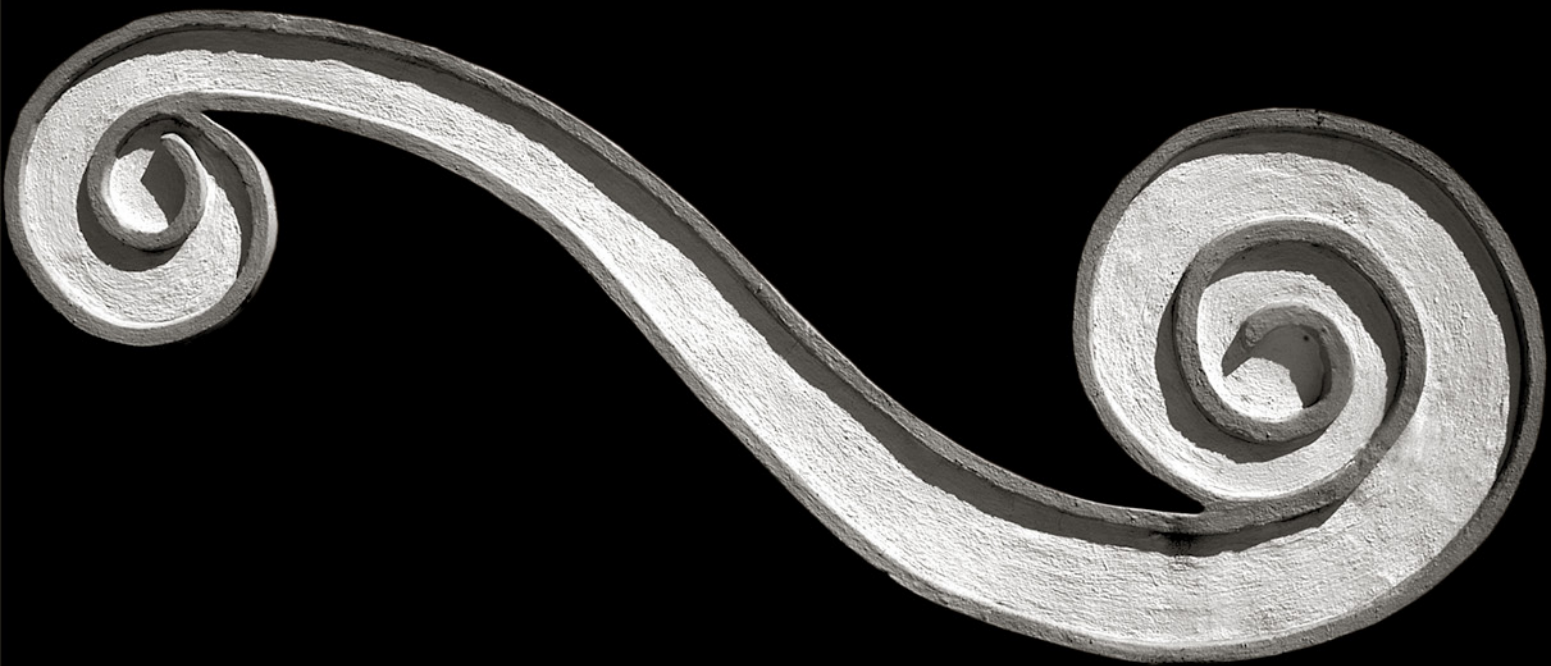
Eguada da Coudelaria de Alter



Visita de Sua Excelência o Sr. Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, ao Núcleo Arqueológico da Coudelaria de Alter (Foto de M. Isaac)

ANEXOS

RELATÓRIOS



EL MEDIO VEGETAL DE LA COUDELARIA DE ALTER DO CHAO A PARTIR DE LOS RESULTADOS ANTRACOLÓGICOS

David M. Duque Espino⁽¹⁾

1. Introducción

Durante los meses de invierno de los años 2003 y 2004 fui requerido por el Dr. Jorge Oliveira (Universidad de Évora) para realizar las labores pertinentes sobre el estudio de materiales arqueobotánicos recuperados en varios yacimientos, intervenidos al amparo de un proyecto de investigación y puesta en valor en la Coudelaria de Alter do Chao. Dentro de una amplia labor inter-disciplinar, nuestro cometido se centró en el estudio antracológico de un hábitat prehistórico y dos monumentos megalíticos excavados durante el año 2003.

Dentro de las intervenciones arqueológicas desarrolladas en la Coudelaria, los datos que aquí presentamos se centran en el antracoanálisis de los carbones recuperados en un hábitat prehistórico y tres monumentos megalíticos (Fig. 1).

El enclave habitacional, reconocido como "Habitat Pré-histórico do Reguengo", se corresponde con una pequeña ocupación localizada en una discreta elevación del entorno dominada por afloramientos graníticos (Fig. 1). La documentación de este enclave se ejecutó mediante la

realización de tres sondeos, en diferentes zonas del cerro.

En los niveles de base de todos ellos se documentaba, invariablemente, un estrato inalterado con restos líticos y cerámicos, que, de forma preliminar y genérica, se adscriben a un horizonte neolítico antiguo de ocupación. Dos de los tres cortes realizados fueron sometidos a un muestreo de recuperación de sedimentos. Éstos fueron los Sondeos 1 y 2, siempre en sus niveles de base.

¹ Investigador postdoctoral –Área de Prehistoria y del "Grupo de Estudios Prehistóricos Tajo-Guadiana" (UEX.) y Centre de Bio-Archéologie et d'Ecologie (UMR 5059-CNRS/UM2/EPHE) - financiado por la Consejería de Educación de la Junta de Extremadura.

E-mail: despino@unex.es – dduque@univ-montp2.fr

El Sondeo 1, realizado junto a un bolo granítico, se concretó en una cuadrícula de 2 x 2 m, reducido a la mitad por el propio afloramiento. Del nivel de base y en toda su extensión se recogieron un total de 40 l de tierra que posteriormente fueron sometidos a flotación.

El Sondeo 2, por su parte, fue trazado en un espacio delimitado por varios afloramientos, con unas dimensiones de 6 x 4 m. La recogida de sedimentos se realizó selectivamente en varias zonas del Corte, en su nivel de base: 20 l en la cuadrícula P-12; otros 20 l en O-12; y 50 l en el espacio de transición de las cuadrículas N-12 y N-13. Todas las muestras fueron sometidas con posterioridad a flotación para la recuperación de macrorrestos vegetales. De todas ellas, sólo la muestra de 50 l de sedimento proporcionó macrorrestos vegetales, las otras dos resultaron estériles.

De este mismo enclave, pero de otro sector del hábitat estamos pendientes de finalizar la recuperación de restos arqueobotánicos de los sedimentos almacenados en campañas acaecidas en años posteriores. Se trata concretamente de sedimentos procedentes de una zona del hábitat con niveles ocupacionales bien conservados que parecen contextualizar definitivamente a este asentamiento dentro del Neolítico Antiguo.

El dolmen o “Anta da Horta”, localizado a escasos 200 m al sur del hábitat neolítico (Fig. 1), fue excavado en su totalidad. Se recogieron diversas

muestras de sedimento de diferentes zonas del monumento en niveles adscritos principalmente al Calcolítico. Del interior de la cámara se recogieron dos muestras de 20 l cada una, para su posterior flotación. Del corredor, en su nivel de base, se recogió otra muestra de 20 l de sedimento. En la documentación del túmulo que encerraba la cámara se recogió otra muestra de tierra de 40 l, justo por debajo de las piedras de calzo de uno de los ortostatos.

Los trabajos desarrollados en “Anta da Soalheira”, situado unos 500 m al este del anterior (Fig. 1), permitieron recuperar muestras de sedimentos para su posterior flotación de diferentes contextos crono-estratigráficos, producto de las fuertes violaciones a la que se había visto sometido el monumento. Una de esas violaciones o reutilizaciones corresponde a época romana en la que, además de los restos cerámicos, se ha documentado una hoguera en la transición del corredor a la cámara. De este espacio se han recogido muestras de carbón de forma directa y unos 40 l de sedimentos en el desmontaje de la estructura de combustión. Otra reutilización se sitúa en el corredor, sobre uno de los ortostatos que lo delimitan, con presencia de vasos completos *in situ* asociados a una cronología de la Edad del Bronce. Las únicas muestras de sedimento susceptibles de adscribirse a un momento calcolítico son la procedente del nivel II del túmulo que encerraba el monumento, con 20 l de sedimento, y otros tantos recogidos en una cavidad del interior de la base de la cámara.

Por último, los trabajos desarrollados en “Anta da Várzea Grande” (Fig. 1) permitieron recuperar unos 80 l de sedimentos de una zona del túmulo (cuadrícula G 8), supuestamente de las menos alteradas. En todas ellas hay que destacar la escasa presencia de restos carbonizados que además no hemos analizado, pues junto a ellos y en todas las muestras aparecen restos carpológicos no carbonizados de *Vitis sp.*, *Olea europaea* y una innumerable cantidad de malas hierbas que muestran, sin lugar a dudas, la alteración de esta parte del monumento.

jo de laboratorio.

Durante los trabajos de campo, se procedió a la recuperación de muestras arqueobotánicas sobre aquellos contextos estratigráficos que presentaban una adscripción crono-cultural clara. Para ello, y en el caso de la Antracología, se utilizaron dos métodos: la recogida directa del carbón y la recuperación de diferentes volúmenes de sedimento que serían posteriormente flotados.

La recogida directa del carbón sólo se llevó a cabo en la hoguera romana de “Anta da Soalheira”, pues en ella quedaron los restos de las últimas combustiones realizadas. Esto ha permitido recuperar muestras con fragmentos de carbón de tamaño considerable, pero sin embargo se ha traducido en una pobreza taxonómica propia de este tipo de muestras, como tendremos ocasión de comprobar en los resultados.

Las restantes muestras antracológicas, incluidas las del desmontaje del hogar romano, fueron obtenidas tras la flotación de las diferentes cantidades de sedimento recuperados en cada uno de los yacimientos y contextos. Este trabajo fue realizado en las instalaciones de la propia Coudelaria y consistía en la utilización de una máquina de flotación realizada con un bidón de plástico. En su interior se colocaba una criba de 1 mm, donde se depositaba el sedimento una vez lleno de agua el bidón. Mediante la presión de la corriente de agua, se disgregaba el sedimento y flotaban todos aquellos restos

2 Metodología antracológica

La metodología antracológica de los diferentes yacimientos de la Coudelaria de Alter do Chao ha seguido las diferentes fases que atañen a esta disciplina: los trabajos de campo y el traba-

vegetales que la muestra pudiera contener. Los restos flotados caían al exterior sobre otra criba de 0,25 mm de luz de malla a través de una vertedera. La utilización de una luz de malla tan reducida para la criba exterior nos evitaba tener que usar una columna de tamices.

Una vez flotada la muestra, se dejaban secar de forma natural y sin la incidencia directa del sol, tanto la fracción gruesa que quedaba en la criba interior de la máquina como la fracción fina del tamiz exterior. Tras secarse, se almacenaban las fracciones por separado con doble bolsa y se adjuntaba la ficha arqueológica correspondiente.

Realizado todo el proceso de flotación, todas muestras fueron trasladadas al Laboratorio de Prehistoria de la Universidad de Extremadura, donde se procedió a la separación y estudio de las diferentes muestras.

Un primer paso en el trabajo de laboratorio ha consistido en la recuperación y separación de las diferentes muestras arqueobotánicas. Dicho trabajo se ha realizado sobre las fracciones gruesas y finas obtenidas en la flotación.

La fracción gruesa era analizada mediante la observación directa de pequeñas cantidades de sedimento hasta agotarlo. Mediante este procedimiento, recuperábamos todos aquellos ecofactos que por cualquier motivo no hubieran flotado. Las fracciones finas, por su parte, eran previamente cribadas con un tamiz de 2 mm de luz de

mall. Los restos y sedimentos que se filtraban fueron debidamente almacenados, siglados y enviados a D. Guillem Pérez Jordà para su análisis carpológico, aunque desgraciadamente su estudio ha resultado estéril. Los restos que quedaban en la criba eran observados mediante una lupa.

Los restos antracológicos separados de cada una de las muestras eran nuevamente almacenados y siglados para, con posterioridad, realizar el estudio anatómico de los fragmentos de carbón. Este último proceso de trabajo se ha realizado mediante la observación al microscopio óptico de luz reflejada de los tres planos anatómicos (planos transversal, longitudinal tangencial y longitudinal radial) (Fahn, 1978; Essau, 1985). Con ello definíamos cada uno de los elementos de la estructura anatómica de cada fragmento, que, para su determinación taxonómica, era comparado con muestras de carbón actual de la colección de referencia del Laboratorio de Prehistoria y con los atlas de anatomía vegetal al uso (Greguss, 1955 y 1959; Jacquot, 1955; Jacquot y otros, 1973; Schweingruber, 1978 y 1990; Vernet, 2001).

Tras el análisis anatómico, el trabajo antracológico se centró en el estudio cualitativo y cuantitativo de las diferentes muestras que veremos en el siguiente apartado. Para ello, se tomó como unidad de análisis el fragmento de carbón, como suele ser habitual en la mayoría de los estudios antracológicos del ámbito europeo (Chabal, 1982).

3 Resultados antracológicos

264

Un primer aspecto que hemos de comentar sobre los resultados antracológicos de la Coudelaria de Alter do Chão es el bajo número de restos obtenido en el conjunto de las muestras. Dicha circunstancia nos ha obligado a agotar todas y cada una de las muestras antracológicas, que en su conjunto han sumado 478 fragmentos de carbón y deparado la determinación de 12 taxones (Fig. 2):

Arbutus unedo (madroño)

Plano transversal: Anillos con poros difusos a zona semiporosa y densidad variable, con vasos de 20 a 50 μm en la madera inicial, decreciendo

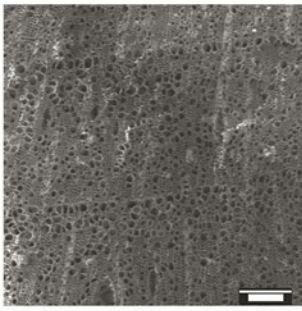
progresivamente hacia el leño tardío. La disposición de los mismos es de forma aislada o en grupos de 2 a 6 tráqueas organizadas radialmente. Presenta anillos de crecimiento muy bien marcados y el parénquima es apotraqueal y paratraqueal, de forma indiferente.

Plano longitudinal tangencial: Radios heterogéneos, algunos uniseriados, con 5 células de altura, y otros pluriseriados, con 1 a 5 células de anchura, habitualmente bi- o triseriados y hasta 20 e incluso 30 células de alto. Estos últimos presentan una o dos filas de células cuadradas o alargadas en los extremos de los radios. En los vasos se observan con nitidez los engrosamientos helicoidales, las punteaduras intervasculares de tamaño medio y redondas, así como las perforaciones simples y, en ocasiones, escalariformes.

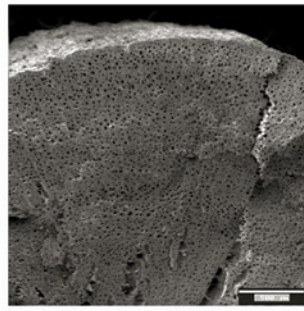
Plano longitudinal radial: Destacan igualmente los engrosamientos en espiral de los vasos, así como sus punteaduras intervasculares medianas y las perforaciones simples y escalariformes de 1 a 5 barras, en ocasiones. Los radios son heterogéneos y los campos de cruce presentan puntuaciones muy numerosas, de morfología variable y tamaño grande.

Cistaceae sp. (jara)

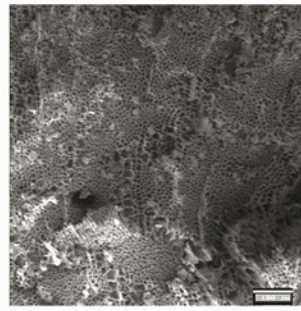
Plano transversal: Madera heteróxila de poros difusos y aislados que, según la especie, puede oscilar entre las 20 y 50 μm en la madera inicial y de 5 a 30 en la final. Mayor densidad de vasos en la madera inicial. Los límites de los anillos de crecimiento son poco visibles y el parénquima es apotraqueal difuso.



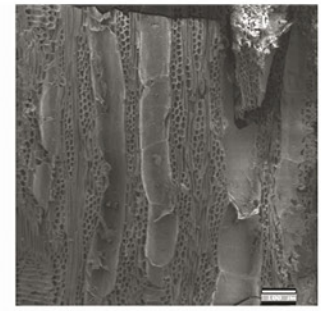
Arbutus unedo
(Pl. Tr.)



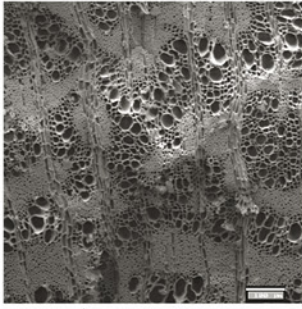
Cistaceae sp.
(Pl. Tr.)



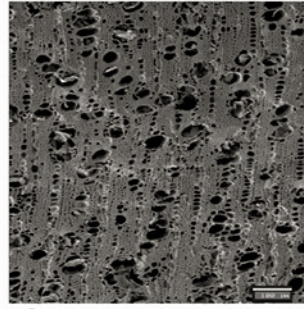
Daphne gnidium
(Pl. Tr.)



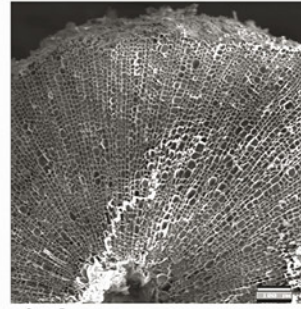
Fraxinus sp.
(Pl. L. T.)



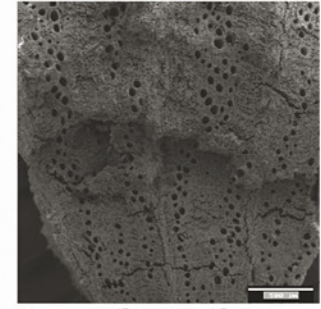
Leguminosae sp.
(Pl. Tr.)



Olea europaea
(Pl. Tr.)



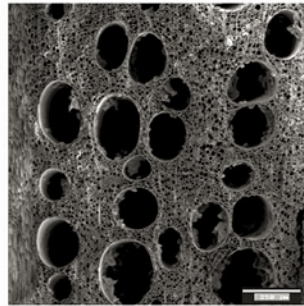
cf. *Plantago* sp.
(Pl. Tr.)



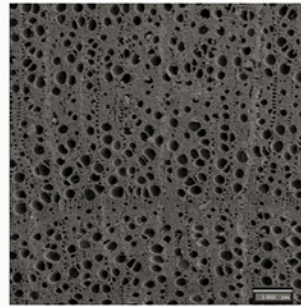
Quercus ilex-coccifera
(Pl. Tr.)



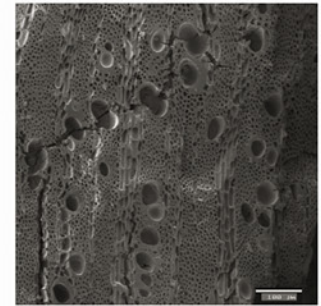
Quercus sp. t. *caduifolios*
(Pl. Tr.)



Quercus suber
(Pl. Tr.)



Rosaceae sp. t. *maloidea*
(Pl. Tr.)



Rosaceae sp. t. *prunoidea*
(Pl. Tr.)

Quadro 1. Resultados antracológicos de los diferentes yacimientos y muestras de la Coudelearia de Alter do Chão.

Plano longitudinal tangencial: Los vasos presentan numerosas punteaduras intervasculares de reducido tamaño, dispuestas en filas alternas. Presentan escasos engrosamientos helicoidales, difíciles de observar y sólo se reconoce su ausencia total en *Cistus ladanifer*. Los radios heterogéneos suelen ser uniseriados o biseriados y pueden oscilar en altura de 1 a 25 células. Plano longitudinal radial: Los vasos presentan perforaciones simples y los radios muestran su carácter heterogéneo. Los campos de cruce de vasos-radios tienen punteaduras débilmente

vestidas.

Daphne gnidium (*torvisco*)

Plano transversal: Madera heteróxila de porosidad difusa, con tráqueas dispuestas en forma de flamas y bandas oblicuas con diámetros oscilantes entre 10 y 40 μm . Los límites de crecimiento no son muy definidos y el parénquima es apotraqueal difuso y paratraqueal en bandas terminales.

Plano longitudinal tangencial: Los vasos presentan numerosas punteaduras intervasculares redondeadas o elípticas, dispuestas en filas

alternantes. No presenta engrosamientos helicoidales, lo que la distingue dentro de este género. Los radios heterogéneos son uniseriados, habitualmente, y bi- o triseriados, con mucha menor frecuencia, con alturas pequeñas.

Plano longitudinal radial: Los vasos sin engrosamientos en espiral presentan perforaciones simples y punteaduras numerosas. Los radios son heterogéneos.

Fraxinus angustifolia-excelsior (fresno)

Plano transversal: Madera de porosidad concentrada en el inicio de los anillos de crecimiento, cuyos vasos o tráqueas aparecen de forma aislada o en agrupaciones radiales de 1 a 4 poros. Los tamaños de los vasos varían de forma importante entre los que se sitúan en el leño temprano con un tamaño de 150 µm de diámetro, frente a las del leño tardío, que rondan las 25 µm. Todos los vasos llevan asociados abundante parénquima en disposición paratraqueal vasicéntrico.

Plano longitudinal tangencial: Los vasos presentan numerosas punteaduras intervasculares redondas, de dimensiones pequeñas. Los radios son homogéneos, uni- o biseriados, alguna vez hasta 3 células de anchura. La altura de los mismos oscila entre las 10 y las 15 células.

Plano longitudinal radial: En las tráqueas se aprecian las perforaciones simples, mientras que las células de los radios presentan su carácter homogéneo. Los campos de cruce de los radios con los vasos presentan punteaduras de dimensiones reducidas.

Leguminosae sp. (retama, escoba, etc.)

Plano transversal: Madera de poros difusos, a veces semiporosa, con diámetros oscilantes entre 15 y 60 µm y agrupados en flamas oblicuas y tangenciales. Los límites de los anillos de crecimiento son visibles y el parénquima es paratraqueal en bandas y apotraqueal hacia el límite de los anillos.

Plano longitudinal tangencial: Las paredes de los vasos presentan numerosas punteaduras vestidas de tamaño pequeño y formas elípticas, al tresbolillo. Tienen radios homogéneos y heterogéneos uniseriados y hasta 6 células de anchura. La altura de los radios es muy variable, siendo los multiseriados, a veces, bastante altos.

Plano longitudinal radial: Los vasos presentan perforaciones simples y engrosamientos helicoidales.

Olea europaea (acebuche/olivo)

Plano transversal: Se corresponde con una madera de porosidad dispersa con las tráqueas aisladas o en grupos radiales de dos a cinco poros generalmente. Los anillos de crecimiento están poco marcados y tienen un recorrido sinuoso. Los diámetros de los poros oscilan entre las 30 y las 60 µm, a los que se les asocia un gran cantidad de parénquima de tipo paratraqueal vasicéntrico.

Plano longitudinal tangencial: Los radios son heterogéneos, uni-, bi- o triseriados y hasta 20 células de altura. Los vasos muestran las punteaduras intervasculares muy pequeñas y de formas redondas a elípticas.

Plano longitudinal radial: Los vasos presentan perforaciones simples y punteaduras intervasculares. Los radios muestran su heterogeneidad. Los campos de cruce presentan punteaduras, entre radios y vasos, muy pequeñas y redondeadas.

cf. Plantago sp. (llantén; pie de liebre)

Plano transversal: Poros difusos, pequeños y generalmente escasos en disposición radial. El límite de los anillos de crecimiento no es muy nítido en nuestro caso, pero suelen estar marcados por una banda de células del tejido básico mal lignificada.

Plano longitudinal tangencial: Radios generalmente ausentes. A veces existen grupos de 2 a 5 células de anchura parecidos a un radio, que pueden presentarse en alguna zona del xilema.

Plano longitudinal radial: Radios no observados. Los tipos de fibra son confusos, presentando una situación intermedia entre parénquima fusiforme y fibras libriformes. Punteaduras alrededor de las fibras pequeñas, a menudo en grupos. Cada parte de los vasos y las fibras a menudo se presenta ordenada. La perforación de los vasos es simple.

Quercus ilex-coccifera (encina - coscoja)

Plano transversal: Tipo de madera heteróxila que presenta poros difusos, dispuestos aisladamente en filas radiales, formando flamas alargadas y sinuosas. Los límites de los anillos de crecimiento son poco o nada evidentes. Los poros de la madera inicial son inferiores a 120 μm

en *Quercus coccifera* y 150 μm en *Quercus ilex* y los de la madera final de 20 a 50 μm y de 15 a 60 μm , respectivamente. El parénquima en ambos casos es apotraqueal en bandas tangenciales uniseriadas y abundante. Los radios son mayoritariamente estrechos, aunque algunos son muy anchos para las dos especies mencionadas.

Plano longitudinal tangencial: Los vasos presentan punteaduras intervasculares medianas, numerosas, de formas circulares a elípticas, en disposiciones opuestas o alternas. Los radios son homogéneos uniseriados y hasta 10 células de altura o multiseriados. Presentan sobre todo fibras libriformes y traqueidas yustavasculares. Dos son los criterios de discriminación específica: uno el ancho de los radios multiseriados de 300 a 1000 μm en *Q. ilex* y hasta 300 μm en *Q. coccifera*; y otro, la distancia entre radios multiseriados que es hasta 1500 μm en *Q. ilex* y entre 1500 y 2350 μm en *Q. coccifera* (Saint-Laurent, 1926).

Plano longitudinal radial: Los vasos presentan perforaciones simples. Los radios son homogéneos y las punteaduras vasos-radios de los campos de cruce grandes y elípticas.

Quercus sp. t. caducifolio (quejigo, melojo, roble)

Plano transversal: Madera heteróxila con el límite visible que presenta poros en anillos con diámetros oscilantes entre las 200 y 500 μm en el leño temprano, disminuyendo hasta las 20 μm en el leño tardío. Estas dimensiones y disposición de los vasos en leño temprano y su

relación con las del leño tardío las aproximan más a *Quercus pyrenaica* o *Quercus robur*. Sin embargo, los escasos fragmentos estudiados, los reducidos tamaños de los mismos y las condiciones bioclimáticas mesomediterráneas en la que se inscriben la mayor parte de los asentamientos donde aparecen hacen que tengamos que ser cautelosos con esta última afirmación. Las tráqueas aisladas presentan una disposición en anillo en una o dos filas en el leño temprano con presencia de tílides y radial u oblicua en el leño tardío. El parénquima abundante es apotraqueal en bandas tangenciales uniseriadas.

Plano longitudinal tangencial: Los vasos muestran punteaduras intervasculares pequeñas, muy numerosas en la madera final, de formas redondas y elípticas dispuestas en líneas opuestas o alternas. Los radios son homogéneos uni- o multiseriados.

Plano longitudinal radial: Las tráqueas tienen perforaciones simples y los radios muestran su carácter homogéneo. Las punteaduras de los campos de cruce son grandes, elípticas o alargadas, y muestran unas direcciones variables.

Quercus suber (alcornoque)

Plano transversal: Madera heteróxila que presenta con frecuencia una zona semiporosa y un límite de crecimiento poco visible. A veces, los poros son dispersos, lo que constituye un problema para su distinción con respecto a *Q. ilex* y *Q. coccifera*, siendo sus únicos criterios diferenciadores, siempre que el tamaño del fragmento de carbón lo permita, la mayor talla de

las tráqueas del leño temprano, cuyos diámetros suelen oscilar entre las 200 y las 300 μm , su proporción superior (hasta 4/1) con respecto al diámetro de los vasos del leño tardío y su frecuente disposición de forma aislada por todo el anillo de crecimiento sin formar flamas. El parénquima abundante es paratraqueal y apotraqueal en bandas tangenciales uniseriadas.

Plano longitudinal tangencial: En esta vista, los vasos muestran punteaduras intervasculares opuestas o alternantes y muy numerosas, de formas redondeadas a elípticas. Los radios, homogéneos, son uni- o multiseriados (muy excepcionalmente biseriados) con alturas de hasta 20 células en los primeros y muy variables para los segundos. Presentan fibras traqueoidales y traqueidas yuxtavasculares.

Plano longitudinal radial: Los vasos se caracterizan por presentar perforaciones simples y los radios por el carácter homogéneo de sus células y por el tamaño pequeño de las punteaduras en los campos de cruce.

Rosaceae sp. t. maloidea (piruétano; serbal; majuelo)

Plano transversal: Madera con los límites de crecimiento bien visibles con porosidad dispersa a zona semiporosa. Los vasos se presentan solitarios y pequeños, la mayor parte de las veces y, en general, distribuidos regularmente o ligeramente más concentrados en el leño temprano.

Parénquima apotraqueal difuso.

Plano longitudinal tangencial: Radios uni- a triseriados, la mayor parte de las veces homo-

gêneos, aunque no faltan los heterogêneos. Las punteaduras de los vasos son pequeñas, no muy numerosas y dispuestas al tresbolillo.

Plano longitudinal radial: Los vasos presentan perforaciones simples y engrosamientos helicoidales muy finos que no se dan en todas las tráqueas ni en todas las especies que componen esta subfamilia. Las punteaduras de los radios-vasos son redondeadas.

Rosaceae sp. t. prunoidea (pruno)

Plano transversal: Madera heteróxila de poros difusos con los límites de los anillos de crecimiento, a veces, poco marcados. Los vasos se presentan solitarios o en filas radiales cortas de hasta cuatro tráqueas. Los poros tienen dimensiones que no superan las 70 µm en el leño temprano, donde además tienden a presentarse de forma más densa.

Plano longitudinal tangencial: Los radios son

heterogêneos y, según la especie, la anchura varia mucho. En nuestros casos, muchos de los fragmentos tenían radios uniseriados, biseriados y multiseriados. Es característico de todos ellos la presencia en todo el contorno de los radios de células marginales verticales.

Plano longitudinal radial: Las perforaciones son simples y presentan engrosamientos en espiral.

De todo ello, la ocupación prehistórica de Reguengo ha aportado 58 fragmentos, 14 el Sondeo 1 y 44 el Sondeo 2, con los que se han determinado 6 taxones (Quadro 1). Anta da Horta ha aportado 148 fragmentos, con los que se han determinado 10 taxones (Quadro 1). En Anta da Soalheira se han analizado 272 carbonos, repartidos desigualmente entre sus diferentes fases crono-culturales, con los que se han determinado sólo 6 taxones (Quadro 1).

	COUDELARIA DE ALTER DO CHÃO									
	Habitat Pré-histórico do Reguengo Neolítico		Anta da Horta Neolítico-Calcolítico			Anta da Soalheira				
	Sondeo 1	Sondeo 2	Câmara		Túmulo	Neolítico-Calcolítico		Bronce Vaso	Romano Hogar	
	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	
<i>Arbutus unedo</i>			8							
<i>Cistus sp.</i>		2	8							
<i>Daphne gnidium</i>					4					
<i>Fraxinus angustifolia-excelsior</i>		28			2					
<i>Leguminosae sp.</i>	2		6		2	10		4	99	
<i>Olea europaea</i>		4	54		12		6	6		
<i>cf. Plantago sp.</i>			1							
<i>Quercus ilex-coccifera</i>	11	6	16	2	23		41	8	80	
<i>Quercus sp. t. caducifolia</i>		2			2	3		4		
<i>Quercus suber</i>									2	
<i>Rosaceae sp. t. maloidea</i>					2					
<i>Rosaceae sp. t. Prunoidea</i>						1				
<i>Indeterminable</i>	1	2	3		3		3		5	
Total n.º	14	44	96	2	50	14	50	22	186	
N.º de taxones	2	5	6	1	7	3	2	4	3	

Quadro 1. Resultados antracológicos de los diferentes yacimientos y muestras de la Coudelaria de Alter do Chão

4 Interpretación de los resultados

Como se puede comprobar, el número de fragmentos obtenido y analizado por yacimiento es, a todas luces, insuficiente para poder realizar una estimación cuantitativa sólida de la evolución del paisaje vegetal de los entornos de la

Coudelaria. No obstante, la agrupación de las muestras por fases crono-culturales puede aportarnos algunas claves para la caracterización, al menos, cualitativa de la evolución del medio vegetal de Alter do Chão (Fig. 3).

Un primer aspecto llamativo sobre los escuetos resultados de los yacimientos de Alter do Chão tiene que ver con las diferencias cuantitativas y cualitativas existentes entre los datos aportados por el hábitat neolítico con respecto a las muestras de época calcolítica de los dos dólmenes y, de éstas, con respecto a los datos obtenidos para la muestra de la Edad del Bronce y la posterior romana procedentes del Anta da Soalheira.

No obstante, no debe perderse de vista, en ningún momento, la poca entidad de las muestras, incluso valoradas por fases crono-culturales, pues dicha particularidad debe estar incidiendo directamente en la infra- o sobrerrepresentación de las valoraciones de los taxones. Dicha circunstancia se hace sobre todo más evidente en la muestra del II milenio a.C., donde sólo contamos con 22 fragmentos de carbón.

Otra limitación a la valoración paleoecológica de los resultados antracológicos se presenta con la muestra romana, cuyos restos carbonizados proceden de las últimas combustiones realizadas en un hogar puntual dentro del monumento, formando parte de una de las muchas reutilizaciones del dolmen a partir de su construcción. Dicha muestra, a pesar de ser la más

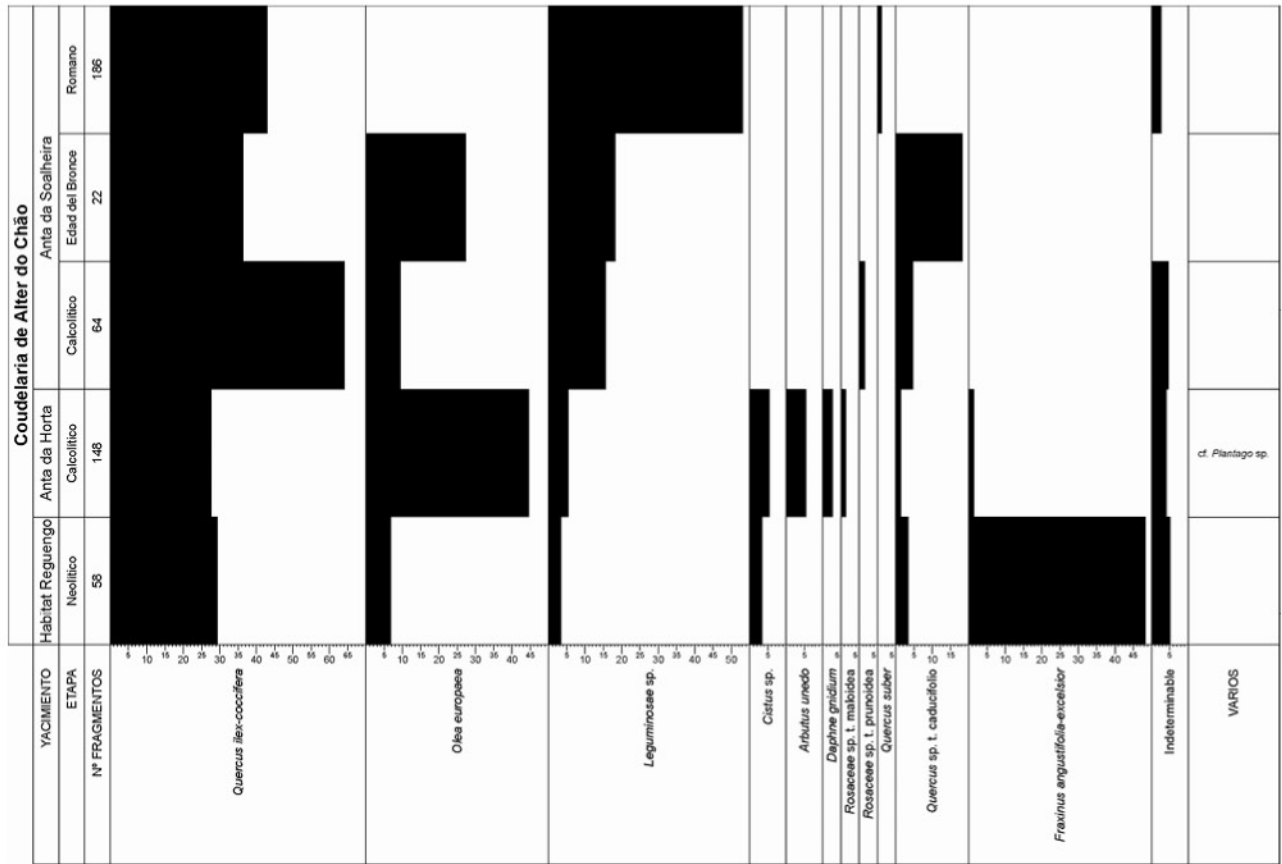


Fig. 3. Diagrama antracológico sintético de la Coudelaria de Alter do Chão

numerosa en números de efectivos, se ajusta plenamente a los resultados metodológicos obtenidos por la Antracología sobre muestras de hogares concretos. Éstos son, principalmente, la presencia de un bajo número de taxones y la infra- o sobrerrepresentación cuantitativa de los mismos en relación a los valores relativos obtenidos sobre muestras de carbón disperso de su mismo nivel de ocupación (Badal García, 1990). La primera de dichas premisas parece cumplirse en el hogar romano del Anta de Soalheira al contar sólo con tres taxones, de los que no podemos precisar las diferencias cuantitativas con respecto a muestras de carbón disperso de la misma cronología y del mismo contexto geográfico por falta de registros.

Con todo ello, vemos cómo destaca un primer espectro, adscrito a un Neolítico² Antiguo, en el que destaca el predominio de una especie indicadora de ambientes templado-húmedos como *Fraxinus angustifolia-excelsior*. A este taxón le sigue de lejos *Quercus ilex-coccifera*. Ambos, además de la discreta representación de los *Quercus caducos*, parecen constituir los elementos vegetales predominantes en el paisaje vegetal de la Coudelaria para momentos del Neolítico Antiguo, conformando un estrato arbóreo de frondosas caducifolias y perennifolias más propio de una fase atlántica del Holoceno.

Junto a ello, hemos de destacar que este espectro

² Para más información consultar las dataciones presentadas por el Dr. Oliveira en este volumen.

de la ocupación prehistórica de la Coudelaria muestra los menores síntomas de incidencia sobre el medio vegetal, tal y como parece evidenciarse a partir de los escasos valores que presentan los arbustos y matorrales sustitutivos de las formaciones vegetales. Éstos son las leguminosas, las cistáceas y *Olea europaea* que, comparándolos con espectros más recientes, muestran una relativa y escasa importancia.

Este panorama parece sufrir una variación importante a partir de las muestras antracológicas centradas en el III milenio a.C., donde la práctica desaparición de los fresnos y los aumentos representativos de *Olea europaea* y *Quercus ilex-coccifera* pueden estar mostrando el predominio del bosque esclerófilo-perennifolio en su variante termófila como consecuencia de un impacto ambiental. Impacto ambiental en el que factores climáticos no hemos de olvidar que en estas fechas se produce el tránsito del Atlántico al Subboreal y antrópicos – se produce en líneas generales para todo el cuadrante suroccidental de la Península Ibérica la primera ocupación sistemática del territorio deben ser los responsables de las variaciones observadas en el medio vegetal.

Dicha intervención antrópica se deja notar a partir del III milenio a.C. en la proliferación y aumento de los elementos de matorral, cuya pauta, en el caso concreto de la Coudelaria, parece marcarla la curva ascendente de *Leguminosae* sp. Junto a ella, jaras, madroños, torviscos, rosáceas

y una ruderal como cf. *Plantago* sp. son el mejor testimonio de la intervención del hombre sobre su entorno inmediato en momentos en los que se considera están plenamente adoptados los sistemas productivos agropecuarios.

Tales impactos de los sistemas agropecuarios parecen ser crecientes a medida que nos desplazamos en el tiempo hasta la romanización de estos espacios, cuando la curva de *Leguminosae* sp. alcanza su punto culminante, superando al menos en sus frecuencias relativas a *Quercus ilex-coccifera*. Aunque, en este sentido, no hemos de perder de vista el contexto arqueológico de la muestra antracológica, cuya lectura paleoecológica puede estar sesgada por la utilización puntual de estas especies como combustible en el hogar puntual documentado en el Anta da Soalheira.

Los datos, por tanto, aportados por los antracóanalisis de los diferentes asentamientos de la Coudelaria de Alter do Chão, con las limitaciones y carencias ya comentadas, muestran, en líneas generales, un panorama de vegetación que podemos resumir en formaciones climatófilas y edafófilas. Unas formaciones que en su definición dinámica parecen responder a las tendencias paleoambientales y paleoecológicas del Suroeste peninsular (Duque Espino, 2003; 2004; 2005a y 2005b)

De cualquier manera, todas ellas en su conjunto encuentran gran acomodo en la caracterización

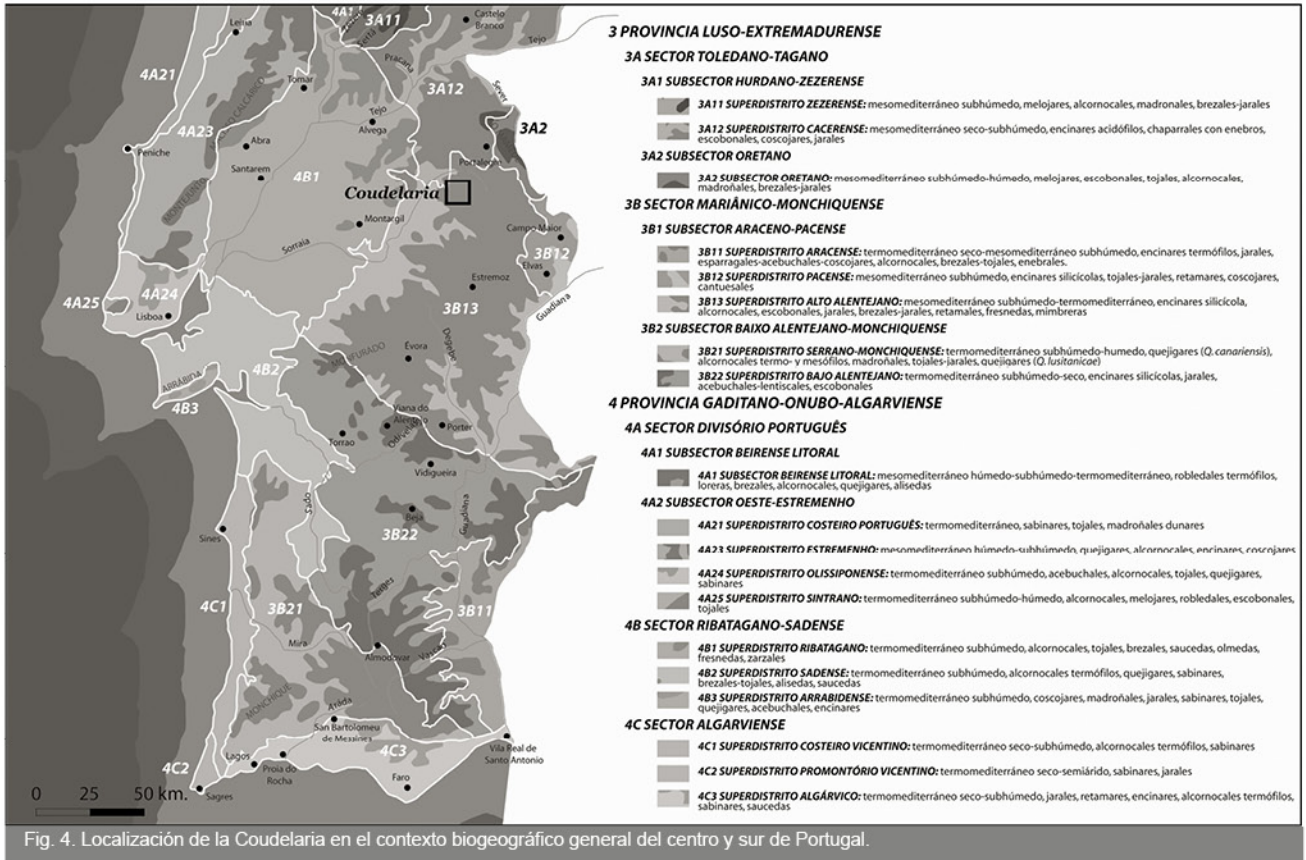


Fig. 4. Localización de la Coudelaria en el contexto biogeográfico general del centro y sur de Portugal.

de series de vegetación descritas para este sector biogeográfico en el que se incardina la Coudelaria (Fig. 4). Concretamente en el sector mariánico-Monchiquense, dentro del subsector Araceno-Pacense y del superdistrito Alto Alentejano (Costa y otros, 1999). Esta unidad biogeográfica corresponde bio-climáticamente a un generalizado mesomediterráneo subhúmedo que puede derivar hasta un termomediterráneo. Siendo, por tanto, su vegetación característica encinares (*Quercus ilex*) y alcornoques (*Quercus suber*), así como formaciones seriales o propiciadas por la mano del hombre tales como escobonales, jarales, brezales-jarales y retamares

dentro del espectro climatófilo. Junto a ellos, son característicos de esta unidad biogeográfica, pero asociados a sus cursos de agua, fresnedas (*Fraxinus* sp.) y mimbreras (*Salix* sp.). Es, igualmente, esta caracterización de las series de vegetación actuales, representativa de estos espacios, la que de nuevo nos obliga a tomar con suma cautela los resultados de la evolución de la vegetación mostrada en el diagrama antracológico, sus implicaciones paleoambientales y paleoecológicas, hasta que sus limitaciones sean subsanadas por nuevos y más amplios estudios antracológicos, particulares, y arqueobotánicos, en líneas generales.

Bibliografía

- BADAL GARCÍA, E. (1990); *Aportaciones de la Antracología al estudio del paisaje vegetal y su evolución en el Cuaternario reciente, en la costa mediterránea del País Valenciano y Andalucía (18.000-3.000 B.P.)*. Tesis Doctoral inédita. Universitat de València.
- CHABAL, L. (1982); *Méthodes de prélèvement des bois carbonisés Protohistoriques pour l'étude des relations homme-végétation. (Exemple d'un habitat de l'âge du Fer: Le Marduel, St. Bonnet du Gard. Fin VIIIe-Fin Ier siècle avant J.C.)*. D.E.A., U.S.T.L., Montpellier.
- COSTA, J. C.; AGUIAR, C.; CAPELO, J. H.; LOUSÃ, M. y NETO, C. (1999); "Biogeografía de Portugal Continental". *Quercetea*, Vol. 0. Bragança.
- DUQUE ESPINO, D. M. (2003); "Aproximación a la evolución del paisaje vegetal neolítico de la cuenca del río Sever a partir de los datos antracológicos preliminares de varios monumentos megalíticos". *Ibn Marúan*, 12. Marvão, p. 199-230.
- DUQUE ESPINO, D. M. (2004); *La gestión del paisaje vegetal en la Prehistoria Reciente y Protohistoria en la Cuenca media del Guadiana a partir de la Antracología*. Tesis Doctoral inédita, Universidad de Extremadura. Cáceres.
- DUQUE ESPINO, D. M. (2005a); Aproximación al paisaje vegetal de los grupos megalíticos del río Sever a partir de los datos antracológicos de varios dólmenes. III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica. Santander, 5-8 de octubre de 2003.
- DUQUE ESPINO, D. M. (2005b); "Resultados antracológicos de los yacimientos de la Coudelaria de Alter do Chao y su integración en las secuencias paleoecológicas y paleoambientales de la Prehistoria Reciente en el Suroeste peninsular". *Revista Portuguesa de Arqueología*, Vol. 8, N.º 1. Lisboa p 21-41.
- ESAU, K. (1985); *Anatomía vegetal*. Barcelona: Ed. Omega.
- FAHN, A. (1978); *Anatomía vegetal*. H. Blume ediciones.
- GREGUSS, P. (1955); *Identification of living Gymnosperms on the basis of xylotomy*. Akadémiai Kiado. Budapest.
- GREGUSS, P. (1959); *Holz-anatomie der Europäischen laubhölzer und Sträucher*. Akadémiai Kiado. Budapest.
- JACQUIOT, C. (1955); *Atlas d'anatomie des bois des conifères*. 2 vol. Centre Technique du Bois, Paris.
- JACQUIOT, C.; TRENARD, Y.; DIROL, D. (1973); *Atlas d'anatomie des bois des angiospermes*. 2 vol. Centre Technique du Bois, Paris.
- SAINT-LAURENT, J. de (1926); *Étude sur les caractères anatomiques des bois d'Algérie*. Bull. St. Rech. Forest. Nord-Afr., 1 (7), p 241-246.
- SCHWEINGRUBER, F.H. (1978); *Mikroskopische holzanatomie*. Zürcher A. G. Zug.
- SCHWEINGRUBER, F.H. (1990); *Anatomie europäischer Hölzer*. Haupt, Bern und Stuttgart.
- VERNET, J.L., ed. (2001); *Guide d'identification des charbons de bois préhistoriques et récents. Sud-Ouest de l'Europe: France, Péninsule ibérique et Îles Canaries*, Paris.



PROSPECÇÕES ARQUEOLÓGICAS E GEOARQUEOLÓGICAS PARA A LOCALIZAÇÃO DE ESTAÇÕES DO PALEOLÍTICO NA ÁREA DA COUDELARIA DE ALTER-ALTER DO CHÃO

Nélson Almeida

RELATÓRIO

Introdução

276

O relatório que agora apresentamos contém os resultados das prospecções que realizámos na Coudelaria Nacional de Alter do Chão com vista à localização de estações do período Paleolítico. Estes trabalhos estão englobados no projecto Pré-História Antiga no Nordeste Alentejano (PHANA), que iniciámos em 1998 ao abrigo de um Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos e que, actualmente, se encontra já na sua terceira fase. Os contactos frequentes que tivemos com o Prof. Doutor Jorge Oliveira, no âmbito

do acompanhamento pelo Instituto Português de Arqueologia, relativos aos seus trabalhos arqueológicos na área da Coudelaria de Alter do Chão, levaram este investigador a propor-nos iniciar uma prospecção nesta área, sobre o período paleolítico. Aceitámos de bom grado o repto que o Prof. Doutor Jorge Oliveira nos lançou e avançámos para este projecto, que apenas foi possível devido ao apoio que este investigador nos proporcionou.

Metodologias

Prospecções arqueológicas de superfície

Iniciou-se a investigação com uma leitura aprofundada das cartas militares, à escala 1: 25 000, e geológicas, à escala 1: 50 000, da zona onde se insere a Coudelaria de Alter do Chão. Esta primeira observação do terreno é fundamental para se definirem metodologias de trabalho adequadas à realidade do terreno onde se irá trabalhar. Esta prospecção geológica, tendo em conta o período cronológico estudado, afigurou-se, ainda, fulcral para definição de áreas com potencial arqueológico mais elevado, pois permite uma primeira detecção de áreas, que, devido às suas características geomorfológicas, pedológicas e estratégicas (na vertente de proximidade aos recursos naturais), possuam maior probabilidade de terem tido ocupação humana durante o período em estudo.

A intervenção no terreno propriamente dita principiou com o reconhecimento das áreas a serem alvo de prospecção, previamente definidas no trabalho de gabinete. Após este primeiro reconhecimento, realizou-se uma prospecção sistemática de superfície que consistiu no percurso pedestre das áreas com interesse arqueológico, por parte dos arqueólogos da equipa, com um espaçamento de cerca de 20 m. As estações detectadas durante esta fase foram referenciadas em suporte geográfico (Carta Militar de Portugal, esc. 1: 25 000). De seguida, elaborou-se a respectiva ficha de sítio (Circular IPA, de 15 de Dezembro de 1998). Os materiais mais relevantes foram recolhidos e guardados com a respectiva ficha de inventário, sendo posteriormente lavados e marcados.

Prospecções geoarqueológicas

Quando se prospecta há áreas com vista à detecção de estações do período paleolítico, é-se confrontado com a dificuldade inerente a este tipo de estações. A experiência acumulada com o projecto PHANA permitiu verificar que a detecção deste tipo de sítio apenas ocorre quando o sítio é afectado por actividades humanas ou naturais, sendo postos a descoberto materiais arqueológicos. De facto, as ocupações do período paleolítico ao ar livre são detectadas em cortes de origem antrópica (construção de estradas, abertura de valas para infra-estruturas, terra-planagens, etc...), ou de causas naturais (erosão fluvial, lixiviação superficial, etc...). A detecção de uma ocupação que não tenha sido afectada por este tipo de acções, e que esteja preservada debaixo do solo, torna-se, caso não se tenha poderes extra-sensoriais, impossível.

Para tentar superar esta contrariedade, optou-se por recorrer a um método, já testado por alguns investigadores noutros países, mas que corresponde a uma inovação no nosso projecto: sondagens geoarqueológicas mecânicas. Estes tipos de sondagens tiveram grande aceitação entre os anos trinta e sessenta do século XX, pois permitiam realizar comparações estratigráficas entre várias áreas com objectivo de datações relativas. Este método foi caindo um pouco em desuso com a chegada dos métodos de datação por radiocarbono (Stein, 1986). Actualmente, e com o surgir da arqueologia preventiva e empresarial, este tipo de sondagens tem sido retomada (Schuldenrein, 1991).

Optou-se por executar as sondagens em áreas

em que a prospecção de superfície não revelou materiais arqueológicos, mas que apresentavam condições para terem sido ocupadas durante o período paleolítico. Tendo em conta as limitações orçamentais do projecto e os preços de aluguer das máquinas usualmente utilizadas para este tipo de sondagens, decidiu-se testar a eficácia de uma máquina de abrir buracos para postes neste tipo de trabalho. Este tipo de instrumento já tem sido utilizado desde os anos 70 (Fry, 1972).

O aparelho que se utilizou é da marca Tecumseh, equipado com um motor Dolmar de 50 cm² de cilindrada. A recolha de sedimento foi feita com recurso a uma broca helicoidal com cerca de 150 cm de comprimento por cerca de 15 cm de largura. Tendo em conta o tipo de broca utilizada, o sedimento foi recolhido de trinta em trinta cm, para evitar um demasiado revolvimento das camadas sedimentológicas.

Como ainda não tínhamos utilizado este tipo de metodologia, um dos nossos objectivos foi verificar a utilidade deste tipo de sondagens na detecção de estações arqueológicas conservadas em profundidade. Do mesmo modo, tentámos averiguar das potencialidades deste método na rentabilização de tempo, pessoal e material.

Resultados

Prospecções arqueológicas

Os trabalhos de prospecção arqueológica encaixados nesta zona foram antecedidos pela prospecção geológica da zona em estudo. A prospecção geológica, entendendo-se como trabalho preparatório, teve como finalidade a localização de áreas que, devido às suas características

geomorfológicas, possuem maior probabilidade de terem tido ocupação humana, durante o período em estudo. Como resultado desta primeira aproximação, foram definidas áreas onde a prospecção para o período paleolítico poderia ser mais frutífera e áreas que não apresentam características compatíveis com ocupações humanas desse período. Entre as áreas mais promissoras, a primeira corresponde às duas margens da Ribeira do Freixo e de alguns dos seus afluentes. A segunda centra-se nos calcários margosos localizados junto à escola do Reguengo. Na Ribeira do Freixo, foram identificados dois níveis de terraço diferentes, o que apresenta bons indícios para a existência de ocupações paleolíticas. Quanto aos calcários margosos, foi possível verificar a existência de algares colmatados, podendo conter material arqueológico. Como resultado dos trabalhos de prospecção, detectaram-se sete estações arqueológicas. Destes sítios, um consiste num achado isolado atribuível ao período do Neolítico, Barragem 1, e os outros seis a possíveis ocupações paleolíticas. Entre os materiais encontrados sobressai um biface localizado na Ribeira do Reguengo 1 (foto n.º 2), um denticulado em quartzo localizado no corte da charca situada na Espera do Rei e que parece estar *in situ* geológico e possivelmente arqueológico (foto n.º 4) e um núcleo em quartzito proveniente do sítio Antas 2 (foto n.º 3). Também no local da Barragem 2 se detectou alguma indústria lítica (foto n.º 1). Por fim, foi recolhido um núcleo em quartzo, isolado no local Antas 1 (foto n.º 4). Na área prospectada, foi identificada uma jazida

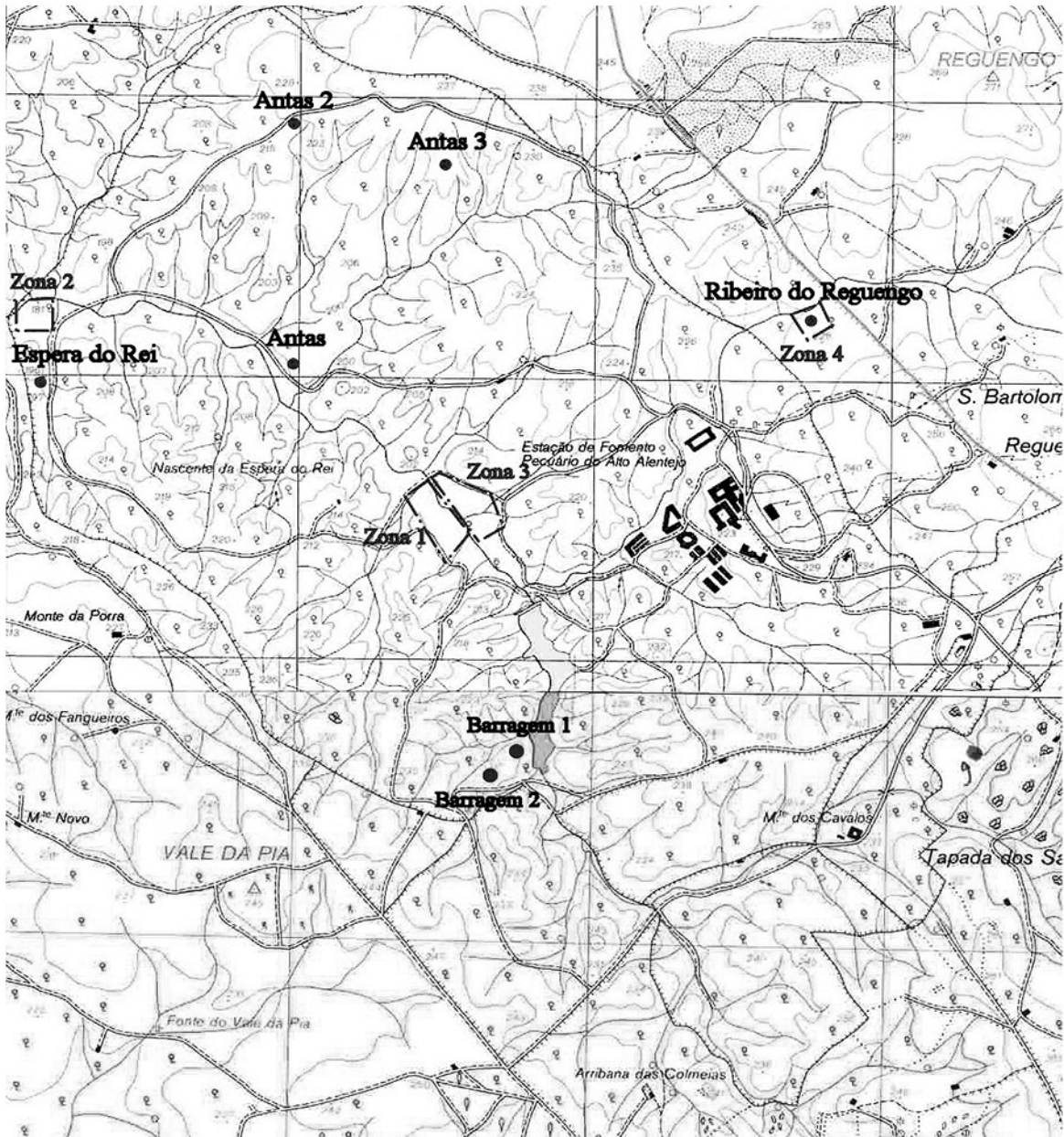


Fig. n.º 1 - Localização dos sítios arqueológicos referenciados durante a prospeção de superfície e das zonas onde se realizaram sondagens geoarqueológicas

de matéria-prima, possivelmente de calcedónia. No local Antas 3, além de grande quantidade desta rocha, foi detectado algum material lítico (foto n.º 5).

Prospecções Geoarqueológicas

No final dos trabalhos de prospeção arqueológica, foram definidas três áreas onde a realização de sondagens geoarqueológicas poderia

resultar profícua. Nessas áreas, não tinham sido localizados materiais arqueológicos que permitissem definir alguma estação. Além destas áreas, também se optou por fazer algumas sondagens geoarqueológicas no local da Ribeira do Reguengo 1, de forma a verificar da existência de uma estação do Paleolítico inferior conservada. Deste modo, as prospeções geoarqueológicas desenvolveram-se em quatro zonas, definidas no final das prospeções de superfície.

Zona	Sondagem	Coordenadas		Profundidade	Materiais Arqueológicos	Profundidade
		Norte	Oeste			
Zona 1	S.1	39° 13,294'	007° 41,871'	70 cm	Lasca	40 cm
	S.2	39° 13,301'	007° 41,853'	50 cm	estéril	
	S.3	39° 13,307'	007° 41,853'	130 cm	estéril	
	S.4	39° 13,324'	007° 41,894'	80 cm	estéril	
	S.5	39° 13,331'	007° 41,878'	60 cm	Lasca em quartzo	60 cm
	S.6	39° 13,346'	007° 41,859'	30 cm	Frag. de machado em pedra polida	30 cm
	S.7	39° 13,356'	007° 41,916'	45 cm	estéril	
	S.8	39° 13,369'	007° 41,898'	30 cm	carvões	
Zona 2	S.1	39° 13,772'	007° 42,784'	50 cm	estéril	
	S.2	39° 13,775'	007° 42,839'	50 cm	núcleo	40 cm
Zona 3	S.1	39° 13,333'	007° 41,759'	70 cm	estéril	
	S.2	39° 13,359'	007° 41,782'	70 cm	estéril	
	S.3	39° 13,371'	007° 41,792'	50 cm	estéril	
	S.4	39° 13,381'	007° 41,773'	130 cm	estéril	
	S.5	39° 13,397'	007° 41,782'	55 cm	estéril	
	S.6	39° 13',401	007° 41',805	40 cm	estéril	
	S.7	39° 13',414	007° 41',841	130 cm	dois núcleos	50 e 120 cm
	S.8	39° 13',433	007° 41',886	80 cm	duas lascas e um denticulado	60,70 e 80 cm
	S.9	39° 13',398	007° 41',868	30 cm	estéril	
	S.10	39° 13',388	007° 41',844	40 cm	estéril	
	S.11	39° 13',372	007° 41,834'	20 cm	estéril	
Zona 4	S.1	39° 13',723	007° 41',078	100 cm	estéril	
	S.2	39° 13',743	007° 41',098	100 cm	estéril	

Tabela 1: Resumo dos dados geográficos e arqueológicos das 23 sondagens realizadas

Iniciamos a campanha de sondagens geo-arqueológicas em Março de 2006, ainda durante um período de chuvas. Estes trabalhos incidiram na zona 1, onde se realizaram oito sondagens, e na zona 2, onde se executaram apenas duas. Na zona 3, intervencionada já em Maio de 2005, procedeu-se à realização de onze sondagens

geoarqueológicas (foto n.º 8). Na zona 4, abriram-se as duas últimas sondagens, perfazendo um total de 23 (Tabela 1).

Zona 1:

Sondagem n.º 1

A sedimentologia nesta sondagem revelou um

solo humoso nos primeiros vinte e cinco centímetros que se vai mesclando gradualmente com um areão grosseiro, de cor cinzenta, embalado em siltes e argilas resultante da alteração do granito de base e que domina nos últimos trinta centímetros da sondagem. Nesta sondagem, foi recolhido material arqueológico (lasca em quartzo).

Sondagem n.º 2

Nesta sondagem, deparou-se com uma sedimentologia semelhante à encontrada na sondagem 1. Após o solo humoso e uma zona de transição, surge um areão grosseiro, de cor cinzenta, embalado em siltes e argilas no final da sondagem (foto n.º 6). Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 3

Esta sondagem chegou aos 130 cm. No início apareceu uma camada de solo arável, com pouca matéria humosa, seguido por areão de cor cinzenta, embalado em siltes e argilas. Apanhámos, nos últimos 20 cm, argilas compactas de cor castanho - clara-possíveis aluviões da ribeira. Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 4

A sedimentologia desta sondagem revelou um substrato arenoso sobre argilas compactas de cor castanho - clara, saturadas de água do nível freático. Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 5

Após o solo humoso no topo da sondagem e uma zona de transição, surge um areão grosseiro de cor cinzenta, embalado em siltes e argilas que aparecem a cerca de 40/50 cm de profundidade. Recolheram-se materiais (lasca em quartzo) a cerca de 60 cm de profundidade.

Sondagem n.º 6

A argila aparece desde o início da sondagem. Recolheram-se materiais arqueológicos (fragmento de machado em anfibulite: fig. n.º 2) a cerca de 30 cm.



Fig. n.º 2 - Fragmento de machado em anfibulite

Sondagem n.º 7

A argila aparece desde o início da sondagem. Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 8

A argila aparece desde o início da sondagem. Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos. Recolheram-se carvões.

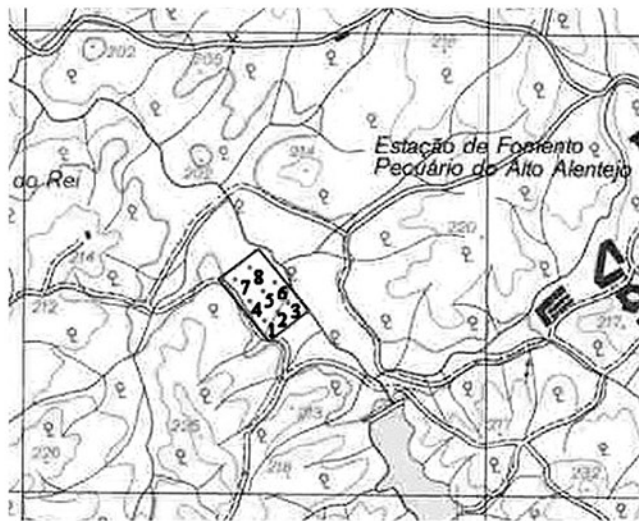


Fig. n.º 3 - Localização da zona 1, com indicação aproximada das sondagens georquiológicas realizadas

Zona 2

Sondagem n.º 1

A sedimentologia desta sondagem revelou um substrato argiloso compacto de cor castanho - clara, com a presença de alguns seixos. Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 2

A sedimentologia desta sondagem revelou um

substrato argiloso compacto, de cor castanho - clara, com a presença de alguns seixos. Recolheu-se material arqueológico (núcleo em quartzo) a cerca de 40 cm.

Zona 3

Sondagem n.º 1

Esta sondagem chegou aos 70 cm de profundidade, com solo vegetal até ao final. A amostra revelou-se estéril em termos de material.

Sondagem n.º 2

A amostra revelou uma sedimentologia mais argilosa. Á cerca de 40 cm tornou-se mais arenosa com grãos de quartzo de grande dimensão. Finalmente, a cerca de 70 cm, surgiu um nível argiloso siltoso (podemos estar na presença do leito fóssil da ribeira). Esta sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 3

Esta sondagem, de aproximadamente 50cm, apresentou uma sedimentologia constituída por solo humoso, de cor castanho-escuro, com grãos de quartzo de grande dimensão. A sondagem revelou-se estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 4

Nesta sondagem, verificámos a presença de um sedimento mais escuro, humoso, no topo. De cerca de 50 cm até aos 1,30 cm, registou-se um sedimento arenoso de cor alaranjada, com pouco seixo e nenhum calhau. Sondagem estéril, do ponto de vista arqueológico.

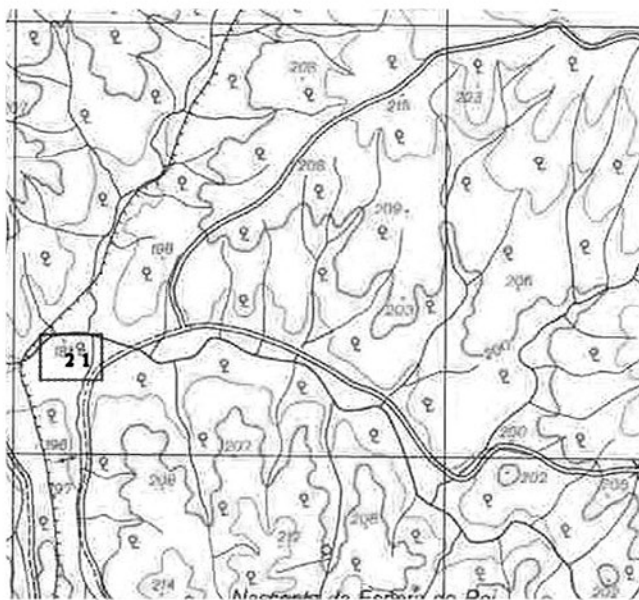


Fig. n.º 4 - Localização da zona 2, com indicação aproximada das sondagens georquiológicas realizadas

Sondagem n.º 5

A sondagem desenvolveu-se até aos 55 cm, apresentando um sedimento arenoso de cor castanho - clara, nível onde apareceu o terraço. Sondagem estéril, do ponto de vista arqueológico.

Sondagem n.º 6

Nesta sondagem, o terraço foi interceptado a

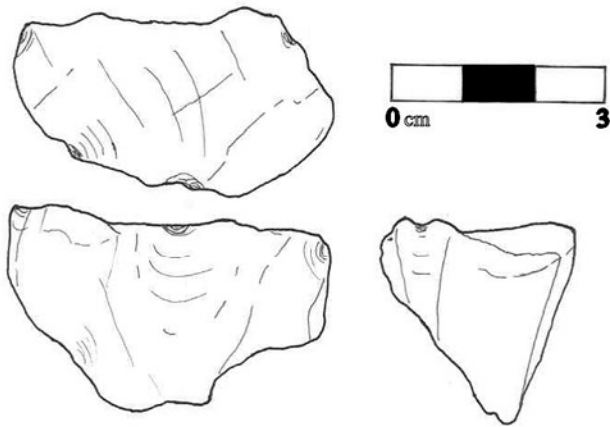


Fig. n.º 5 - Núcleo em quartzo recolhido na sondagem 7

30/40 cm. Estéril em termos arqueológicos.

Sondagem n.º 7

A sondagem inicia-se com um sedimento mais humoso de cor escura. Entre os 50 e 130 cm, registou-se um areão alaranjado argiloso sem calhaus ou seixos .

Perto dos 50 cm registou-se o aparecimento de um núcleo em quartzo (fig. n.º 5) e aos 120 cm recolheu-se outro.

Sondagem n.º 8

Até ao final da sondagem (80 cm), verificou-se uma sedimentologia constituída por areias de grão grosseiro, de cor castanha.

Aos 60 cm recolheu-se uma lasca, aos 70 cm recolheu-se um denticulado (fig. n.º 6-1) e aos 80 cm outra lasca (fig. n.º 6-2).

Sondagem n.º 9

Sedimentologia uniforme até aos 30 cm, nível onde aparece o terraço, constituída por solo de cor castanha e com grande quantidade de matéria orgânica (fig. n.º 6) - Sondagem, estéril do ponto de vista arqueológico.

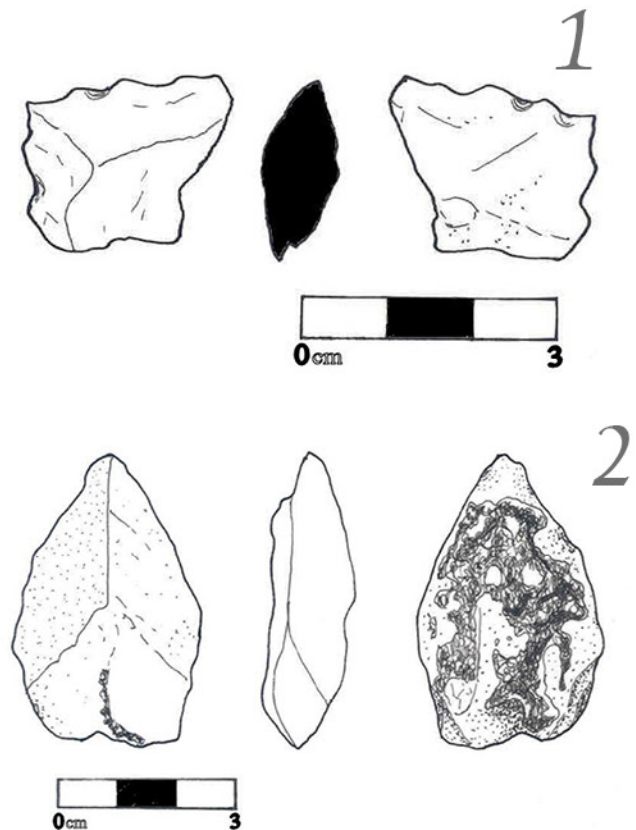


Fig. n.º 6 - Matérias arqueológicas recolhidas na sondagem 8. 1- Denticulado em quartzo 2- lasca em quartzo com concreção na face inferior.

Sondagem n.º 10

Sedimentologia uniforme até aos 40 cm, nível onde aparece o terraço (foto n.º 9) . Sondagem estéril, do ponto de vista arqueológico.

Sondagem n.º 11

Sedimentologia uniforme até aos 20 cm, nível

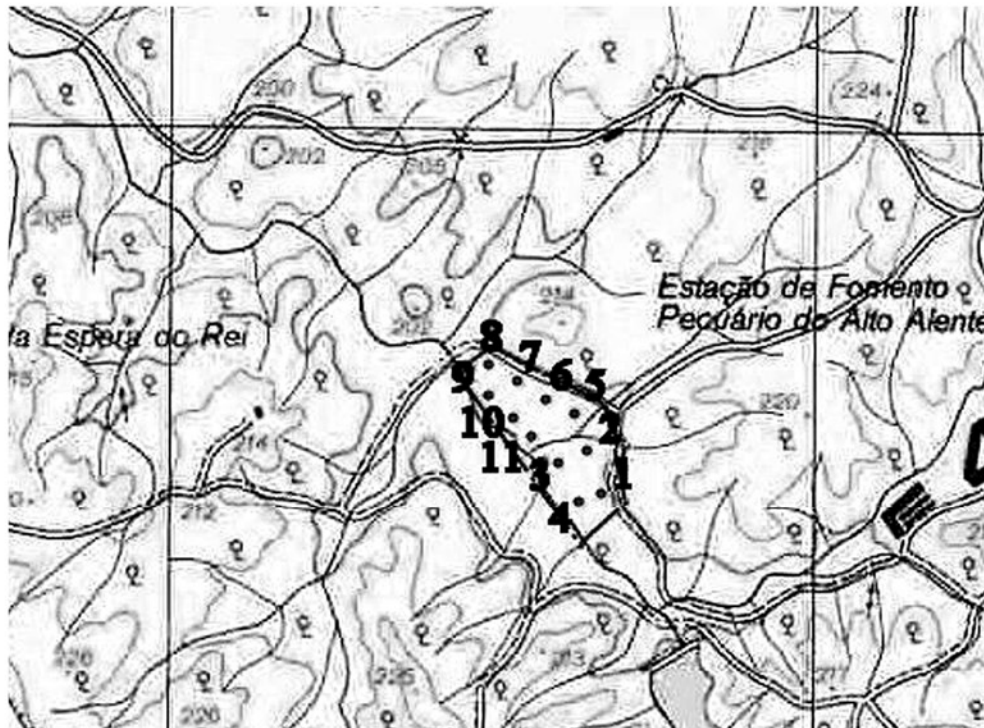


Fig. n.º 7 - Localização da zona 3, com indicação aproximada das sondagens geoarqueológicas realizadas

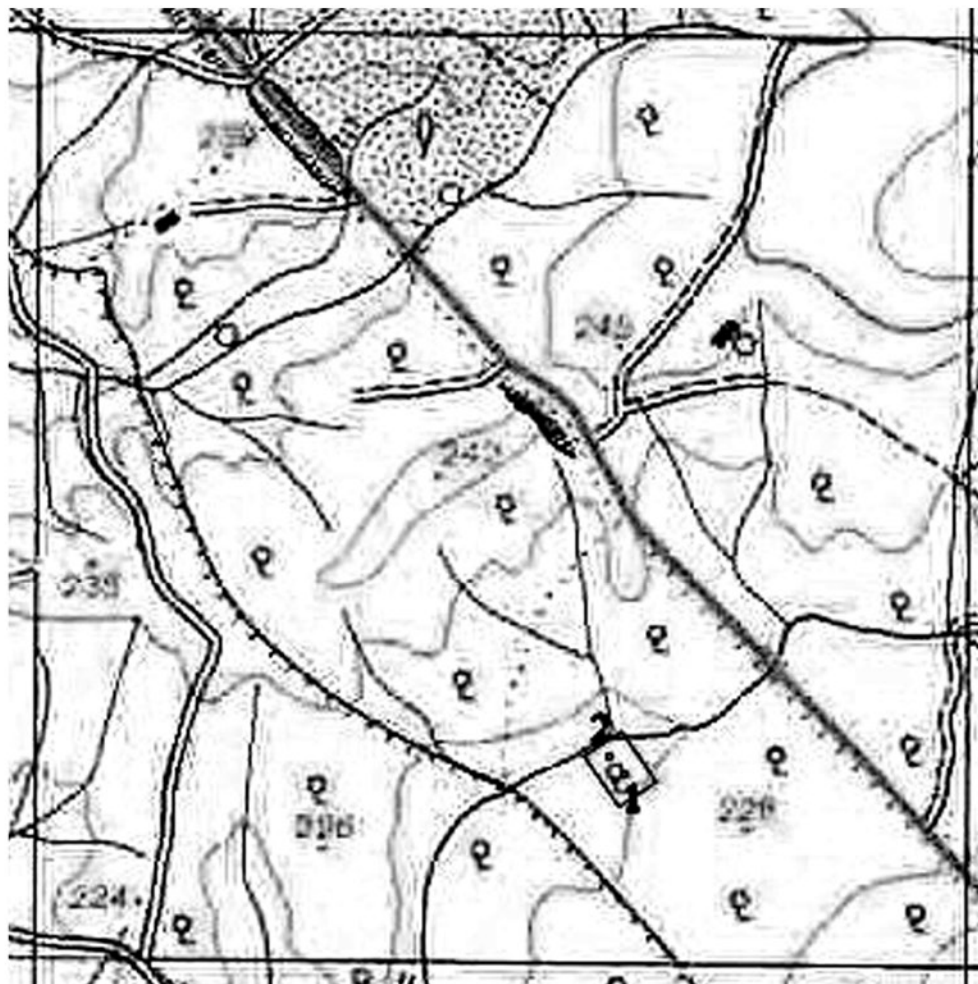


Fig. n.º 8 - Localização da zona 2, com indicação aproximada das sondagens geoarqueológicas realizadas

onde aparece o terraço. Estéril, do ponto de vista arqueológico.

Zona 4

Sondagem n.º 1

A sondagem chegou aos 100 cm sem encontrar terraço. O sedimento inicial é de cor escura, a partir dos 40 cm, de cariz granítico com grãos grosseiros de quartzo. Estéril, do ponto de vista arqueológico.

Sondagem n.º 2

O sedimento desta sondagem apresentou uma cor castanho - escura, de cariz granítico, com grãos grosseiros de quartzo. Aos 100 cm apareceu argila sem vestígios de terraços. Sondagem estéril, do ponto de vista arqueológico.

Conclusões

O dado mais interessante do trabalho realizado na Coudelaria de Alter do Chão assenta na possibilidade de se detectarem estações arqueológicas de profundidade que, sem o recurso a este tipo de sondagens, passariam despercebidas. É o que acontece, por exemplo, nas sondagens 7 e 8 da zona 3, que parecem ter interceptado uma estação possivelmente do período do Paleolítico e, na sondagem 6 da zona 1, onde se recolheram vestígios do período do Neolítico. No total das 23 sondagens realizadas, 6 apresentaram materiais arqueológicos, o que corresponde a cerca de 26%. Ficou evidenciada a utilidade deste tipo de sondagens mecânicas para a detecção de estações de profundidade.

O recurso de sondagens mecânicas desta índole permite conseguir uma visão geral da estratigrafia de determinada zona, o que possibilita, em casos de escavações de emergência ou preventivas, rentabilizar qualquer intervenção arqueológica. Esta rentabilização assenta na possibilidade de detectar as estações, definir áreas de dispersão e prever estratigrafias. A possibilidade de contar com estes dados no início de um processo de escavação vai tender para a minimização do tempo dispendido no campo e maximização de recursos humanos e materiais.

Esta campanha, ao ser realizada em meses diferentes, permitiu definir a melhor época para a realização destas sondagens, que deverão ser feitas entre finais de Março e finais de Abril.

Também se optou por fazer algumas sondagens geoarqueológicas no local da Ribeira do Reguengo 1, onde se recolheram materiais do Paleolítico inferior. Estas sondagens permitiram concluir que os materiais estão em posição secundária e que não existe, na área e até à profundidade sondada, uma estação arqueológica. A existir esta estação, ou estará mais funda ou localizada noutra área mais acima no vale. Deste modo, pode confirmar-se ou infirmar-se a presença de sítios arqueológicos conservados.

Em jeito de conclusão, pode considerar-se que estes trabalhos de prospecção foram essenciais para se poder traçar um primeiro esboço das tendências da implantação geográfica das ocupações paleolíticas desta área. Outra mais-valia das sondagens geoarqueológicas consistiu na definição de algumas áreas de interesse, onde os trabalhos se poderão concentrar no futuro.

Bibliografia

FRY, Robert E. (1972): "Manually Operated Post-Hole Diggers as Sampling Instruments". *American Antiquity*, Vol. 37, N.º 2, pp. 259-261.

SCHULDENREIN, Joseph. (1991): "Coring and the Identity of Cultural-Resource Environments: A Comment on Stein". *American Antiquity*, Vol. 56, N.º 1, pp. 131-137.

STEIN, Julie K. (1986): "Coring Archaeological Sites". *American Antiquity*, Vol. 51, N.º 3, pp. 505-527.



Foto n.º 1 - Vista geral do local Barragem 2. Os materiais foram recolhidos na pequena clareira visível após a linha de arbustos



Foto n.º 2 - Biface em quartzito de grão grosseiro recolhido na estação Ribeira do Reguengo 1



Foto n.º 3 - Núcleo em quartzito leitoso recolhido no local Antas 2



Foto n.º 4 - Lasca em quartzito leitoso recolhido no corte da charca da Espera del Rei



Foto n.º 5 - Vista geral do local Antas. O achado isolado foi recolhido na berma do caminho, na zona à sombra na imagem



Foto n.º 6 - Vista geral do local Antas 3. O material foi recolhido no topo do cabeço



Foto n.º 7 – Zona 1, sondagem n.º 2, vista geral



Foto n.º 8 – Zona 1, sondagem n.º 8, vista geral



Foto n.º 9 – Zona 3, vista geral da área onde se realizaram as sondagens 1 a 4



Foto n.º 10 – Zona 3, sondagem n.º 10, vista de pormenor da amostra

